ALFABETO ESPIRITOGRÁFICO: ESCRILEITURAS EM EDUCAÇÃO

MARIA IDALINA KRAUSE DE CAMPOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARIA IDALINA KRAUSE DE CAMPOS

ALFABETO ESPIRITOGRÁFICO: ESCRILEITURAS EM EDUCAÇÃO

Porto Alegre
2013

MARIA IDALINA KRAUSE DE CAMPOS

ALFABETO ESPIRITOGRÁFICO: ESCRILEITURAS EM EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Profa. Dra. Sandra Corazza

Linha de pesquisa: Filosofias da Diferença e Educação

Porto Alegre

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Sandra Mara Corazza, minha orientadora, companheira de jornada, pelos exemplos de vida e de rigor com que conduziu esta pesquisa compartilhada, aventureira e prazerosa.

Aos membros do Bando de Orientação de Pesquisa (BOP), de fundamental importância pelas trocas, pareceres, conversas, que serviram para o aperfeiçoamento desta dissertação.

A todos os colegas do projeto *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* do Observatório da Educação/CAPES/INEP-2010, pelas aprendizagens saboreadas.

À CAPES/INEP pelo investimento e apoio.

À Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS), pelo acolhimento e possibilidade de estudos desde o começo de meu ingresso como aluna PEC.

Aos professores e demais colegas da linha 9 – Filosofias da Diferença e Educação, pelas interseções estabelecidas e pelas ressonâncias que geraram forças para dar continuidade ao processo de pesquisa.

Aos participantes da oficina *Espiritografias de co-criação dialógicas* promovidas pelo projeto *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* do Observatório da Educação/CAPES/INEP-2010, que serviu como disparador de pesquisa, um canteiro de experimentações potente.

À Susana França, meu carinho, por acompanhar todas as loucuras, os altos e baixos de uma vida amorosamente construída.

RESUMO

Este texto é atravessado pela pergunta: o que pode um espírito escrileitor? Trata sobre compor espiritografias em meio à vida mutante, tendo como campos exploratórios potenciais a educação, a filosofia e a literatura; propondo uma entrada para inventar saídas de novos fluxos de pensamento esboçados via escrita. O texto *Alfabeto Espiritográfico: Escrileituras em Educação* apresenta e opera com a noção de espiritografia, pensando a partir de duas vertentes da Filosofia da Diferença: Gilles Deleuze e Paul Valéry. Coloca em ação o método de dramatização na comédia do intelecto, movimento disparador de operações experimentais nos labirintos oceânicos do pensamento, em que corpo, espírito, mundo encontram-se em ação funcional, prenhes de possibilidades, de leituras, de composições de textos, que experimentam a vida compartilhada; como na oficina *Espiritografias de co-criação dialógicas* promovidas pelo projeto *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* do Observatório da Educação/CAPES/INEP-2010. Atividade de pesquisa, leitura da realidade, que permite ao espírito andarilho atuar e planejar sua própria trajetória autoconsciente. Constrói no exercício escrileitor seu próprio canteiro de experimentações, seu alfabeto, arquiteturas apaixonadas, informes possibilidades, que são criados como pretexto de dizer-se, e assim, autoeducar-se. Prima pela elaboração de circuitos espirituais variantes que atravessam o vivível, mesclando elementos dos detalhes, do inusitado, para a produção de composições de escrita, oriundas do desejo e da necessidade espiritual que transborda e escorre, entre outros espíritos investigados nos campos potenciais referidos. Regados pela água viva do pensar exploratório que, em suas operações nômades, mistura cores, produz sons, escuta vozes, rabisca, viceja, enquanto captura as forças dos pensamentos para uma nova escrita do por vir.

Palavras-chave: Escrileitura. Alfabeto. Espiritografia. Valéry. Deleuze.

ABSTRACT

This text has raised an important question: what is a spirit of writer-reader or reader-writer able to do? It is about the composition of *Espiritografias*, which is a Brazilian Portuguese neologism created by the author of this text to define a reading and writing movement involving a spirit that works hard on reading about the intellectual work of other spirit, writer, artist or scientist and then writes his/her own *espiritografia*. Those *espiritografias* are composed amid mutant life and they take into account academic fields such as education, philosophy and literature; proposing an invention of new outlets of streaming thoughts outlined through writing. The Brazilian Portuguese text called "Alfabeto Espiritográfico: Escrileituras", that can be translated into English as *Escrileituras: A reading-writing Espiritografia Alphabet*, presents and works with notions of Espiritografia concepts from two strands in Phylosophy of Difference: Gilles Deleuze and Paul Valéry. It has been drawn into action the Method of Dramatization in the comedy of intellect, a movement that triggered experimental operation in oceanic labyrinths of thought, in which the world of body and spirit are in functional action, it is full of possibilities of reading and writing texts that shared life experiences; as it has been shown through the Worhshop entitled in Portuguese as Espiritografias de co-criação dialógicas supported by the research project Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida do Observatório da Educação/CAPES/INEP-2010. This research activity analyses reality and simultaneously allows a wanderer spirit to act and plan its Self-conscious path. Besides this, during the work as a *escrileitor* – another new Brazilian Portuguese word to describe a spirit of a writer-reader. It can build up its very own place of experiments, alphabet, passionate architectures and possibilities created as claim to self-education. It highlights the development of spiritual circuits that get through livable variants, merging elements of details and the unusual in order to produce written compositions that are due to desire and spiritual need which overflows and drains among other spirits who were previously researched in potential fields of study. Watered by the living water of exploratory thinking, which in its nomadic operations blends colors, produces sounds, scribbles, thrives, while capturing the power of thoughts to a whole new view of writing in the near future.

Keywords: Escrileitura. Alphabet. Espiritografia. Valéry. Deleuze.

SUMÁRIO

I PROÊMIO 10
II ALFABETO ESPIRITOGRÁFICO: ESCRILEITURAS EM EDUCAÇÃO 14
Ao... 14
Bulir. 16
Cocriação!. 18
Dentro.. 19
Em 21
Faz 23
Graciosa. 25
Hoje 27
Inspiro... 29
Já. 31
K. 34
Livro! 36
Movimentos 38
Noite. 42
Ouvimos 44
Percepções. 47
Que 49
Regressemos.... 54
Sirva-se!. 57
Tensão. 59
Uma 62

Vertigens..... 63

Weltanschauung!..... 65

Xadrez..... 68

Yin-Yang 70

Zurupar. 73

III MOVIMENTO DISPARADOR 76

REFERÊNCIAS..... 87

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Desenho de Leonardo Garbin, baseado em Emblema 132 de *Emblematum Liber* (1531) de Andrea Alciato (Tritão, trombeteiro de Netuno, com o corpo cercado por Uroboro, símbolo da imortalidade).....Capa
Figura 2 – El despertar del dia, de Joan Miró.....21
Figura 3 – Francis Bacon, Study for the Head of a Screaming Pope, 1952.....38
Figura 4 – Desenho de Leonardo Garbin.....Contracapa

I PROÊMIO

Este texto desliza entre operações de espíritos criadores e compõe um método espiritográfico, que efetua mergulhos na água da vida, através de exercícios de linguagem. Água viva que transborda, "[...] massa indiferenciada, a infinidade dos possíveis, contêm todo o virtual, todo o informal" (CHEVALIER, 1998), reservatório de energia de um espírito que age diretamente por si mesmo, enquanto lê e escreve. Tem na escrileitura[1] uma infinidade dos possíveis de uma composição do pensar andarilho, rico em virtualidades errantes. Desafios entre correntes de escrita e leitura como um tiquetaquear que pulsa veias, do sangue que bombeia coração e intelecto, imenso reservatório de energia vital.

Alfabeto espiritográfico: Escrileituras em educação é o título. Motivos para escolha deste plano de imanência? Sem dúvida, amor e loucura escrileitora! O *Alfabeto* de Paul Valéry me chega naquela fase de pesquisa em que eu, como ele, tive minha "Noite de Gênova", só que comigo em Porto Alegre. Período de crise. E como Valéry, eu permanecia sentada sobre minha cama, com tempestade por todo lado, assombrada em meu quarto por cada clarão. Com meu destino em minha cabeça, tensão no ar e no espírito a pensar com ele: "Eu estou entre eu e eu".

Sincronicidades! Como ele, estava em concentração, em meio a transformações e a um amadurecimento espiritual urgente para tentar dissipar um pouco as incertezas e planejar um novo caminho no próprio caminhar para encontrar meios, e com eles, escrever e viver. A leitura do *Alfabeto* foi a inspiração necessária para sair do crítico período, e um novo desafio também.

O *Alfabeto* valéryano é um livro de horas e estações — feito por encomenda em 1924, pelo editor René Hilsum — que deveria conter vinte e quatro poemas em prosa, que acompanhariam pinturas de Louis Jou, sem as letras K e W (VALÉRY, 2009). Para colocar em ação esses processos, Valéry inaugura um caderno rosa onde desenha em preto o título ABC, seguido de suas iniciais: P.V. Na parte direita desse caderno, ele registra "um determinado estado dos poemas"; na página esquerda, "alguma notas esparsas e aquarelas" (VALÉRY, 2009). Esse conjunto de apontamentos passa por várias revisões, lentas e sucessivas na busca pelo sentido do texto.

[1] Escrileitura como processo de escrita — escrita-pela-leitura ou da leitura-pela escrita — que produz um texto aberto às interferências do escrileitor.

Valéry busca uma composição formal, com rigorosas leis de funcionamento, uma unidade fechada e singular que trata de C.E.M: corpo, espírito, mundo. Um macrocosmo próprio uma totalidade fechada, que encontra no *Alfabeto* o campo propício e fértil para dizer-se, expor as tramas espirituais, sem determinações únicas que imitam a realidade, mas que valorizam o instante, o possível, em meio à diversidade do mundo e da vida, que se apresentam ao espírito a cada momento.

A primeira palavra de cada um dos verbetes começa com uma das iniciais do Alfabeto, e são páginas de textos breves de uma prosa elegante. Sua escrita destaca as manifestações e a compreensão de Valéry sobre assuntos como: o sono, o acordar, o banho, o almoço, as tramas do jogo amoroso. Esses assuntos de existência singular tornam-se objeto para definições poéticas, em que o visível devora o que é visto, a cada hora, sendo estados de ocupação que a alma dispõe.

O Alfabeto, na medida em que se faz, é uma história de autoconsciência na qual "[...] o que vejo, o que penso — disputam entre si o que sou" (VALÉRY, 2009, p. 41). Bem como cada objeto, por sua vez, pede um novo sentido de si, num esforço novo de consciência de si. O renascimento de cada dia é também renascimento do espírito, da vida que escorre, neste mundo incompreensível, lírico, um completo drama. A inteligência que "Eu sou" perpassa este drama e tem na escrita o poder de dizer: "estou aqui".

O *alfabeto espiritográfico: Escrileituras em educação* aqui apresentado é também composto de vinte e seis letras que tratam do conceito espírito, servindo como mola propulsora ao espírito escrileitor e para suas produções espiritográficas possíveis. Sua construção percorre vinte e quatro meses, tempo da feitura da dissertação. Período de auto-observação espiritual, de esforço, solidão e insistência. Dobras de pensamento nômade aplicadas ao sistema espiritográfico. Um orquestrar polifônico ao sabor de ondas de experimentações, viés abismal, raspando pele, expondo carne viva pulsante; um corpo que baila em desassossego entre incidentes sobre a lâmina afiada dos dias.

Há neste processo uma fome antropofágica de um pensar circulovicioso, como o da serpente que morde seu próprio rabo. Um "serpensamento", uma forma de pensar (CAMPOS, 1984) que por vezes torna-se protagonista voraz e satânica e que serpenteia nos labirintos do espírito mordendo o que pode. Fato que gera alterações de vozes: mais suave, indignada, persuasiva, delicada, irônica sem descuidar da leveza, como nos lembra Italo Calvino, ao falar em Valéry: "É preciso ser leve com o pássaro, e não como

a pluma". Escrita espiritográfica variante em "busca da leveza como uma reação ao peso de viver" (CALVINO, 1990, p.28).

Escritas tecidas em alinhavos, nas oficinas promovidas pelo projeto *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* do Observatório da Educação/CAPES/INEP-2010[2]. Seus desdobramentos, sua construção e arquitetura em meio à vida, movimentos e formas operatórias na educação e também na filosofia e na literatura.

Aludindo novamente a Valéry, quando fala em Descartes e seu pensamento vivo, não se trata de uma doutrina que pretende ensinar qualquer coisa da qual não sabemos absolutamente nada, mas um método que opera "[...] transformações sobre aquilo que já sabemos algumas partes, para daí extrair ou compor tudo quanto do assunto podemos saber" (VALÉRY, 1952, p. 27). Uma aventura do espírito humano, dedicada a pensar o ser espiritual que elabora conceitos e a analisar a inventividade das matérias textuais e da vida como processo de geração das paixões da inteligência.

A própria criação do processo espiritográfico enquanto ele se faz fluxo de escrita afirmativa, mais do que espíritos e conceitos relacionados facilmente identificáveis, trata-se de fases — palavra valéryana — que se descobrem, momentos que se revelam pela proximidade à disposição de forças do sujeito que lê e escreve. Estados de existência compositiva, tendo na grafia da palavra regada, no conceito dramatizado, um valor potencial de uma escritura que emerge do punho, da mão que rabisca, expressando os pensamentos de um espírito amante que atravessando desertos, encara mistérios, transmutações, sonhos e percepções insones. São tramas — como alude Valéry — que se apresentam ao espírito, uma diversidade em meio à qual não há uma determinação única e ilusória que imita o real, mas o possível-a-cada-instante de um texto que se compõe.

Os movimentos do espírito procuram decifrar o que está além de *o que é* espírito. Para tanto, evoco Gilles Deleuze e o seu método de dramatização (DELEUZE, 2006) que se junta a Paul Valéry na construção do alfabeto espiritográfico. Assim, ampliam-se os campos exploratórios mais vastos para um conjunto de "[...] coordenadas múltiplas que correspondem às questões *quanto? quem? como?* e *quando?*" (DELEUZE, 2006, p. 112). Isso, para investigar como opera um espírito nos campos pedagógicos, filosóficos e literário, nos quais o já criado nesses três domínios transcende e afirma uma nova

[2] Grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Sandra Corazza, do qual faço parte como bolsista. Dentro das ações do projeto foram oferecidas *Oficinas de Transcriações no cotidiano*, entre 07 de junho a 25 de agosto de 2011 na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde apresentei a oficina *Espiritografias de co-criação dialógica.*

composição, e com ela faz dos exemplos empíricos de escrita uma aventura do informe, em que “É do ‘aprender’, e não do saber, que as condições transcendentais do pensamento devem ser extraídas” (DELEUZE, 2006, p. 238).

Acompanha este andar aventureiro — que possui e é possuído — as sedes de conhecer, o pensar imediato, as alegrias de perceber, de “[...] sentir iluminar-se pouco a pouco um reino de inteligência — reaviva indefinidamente cinzas secretas da alma. Cada aurora é primeira. A ideia que chega cria um homem novo” (VALÉRY, 2009, p. 47).

As Oficinas de Transcriação, promovidas pelo projeto *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* do Observatório da Educação/CAPES/INEP-2010, assim, tornam-se um meio de efetivação dessas efervescências espirituais. Momentos de capturas férteis, de encontros de vida num campo processual mesclado de pesquisa, criação e inovação. Um laboratório-oficina, um ateliê de experimentações espirituais e operatórias que primam pela elaboração do pensar, junção de três caóides — filosofia, ciência, arte — em ação dialógica e co-criativa.

Águas vivas de plurais encantos filosóficos, da diferença, do drama, de Deleuze, da *self–variance* ou autovariação de Valéry. Águas espirituais de oscilações e fluxos oceânicos disparadores potenciais, do pensar renovado e múltiplo. Intensificador das paixões de inteligência que permitem inserir na vida novos dinamismos de fluidez criadora que alinhavam composições de texto com linhas de fluxos, de potências e forças espirituais. E nesse movimento potencial compositivo, costura e tece pensamentos enquanto investiga: o que pode um espírito escrileitor?

II ALFABETO ESPIRITOGRÁFICO: ESCRILEITURAS EM EDUCAÇÃO

> *[E]xperimento [s]ecreto ou não, [c]riação, [r]ompimento [e] [v]ontade de [e]xpor o que pode ser visto por muitos, como [r]esultado* [3]

Ao princípio, será o frio silencioso. Animal profundamente gelado, extremidades frias, um remexer de entranhas. Preciso romper esta barreira gélida para que meu espírito se aqueça e aja para encontrar o calor da inspiração, uma primeira "ideia" para esta manhã. Além da janela, a chuva fria preenche o dia, minhas vísceras tremem, há no ar aroma de anis estrelado, entrelaço as mãos na caneca de chá fumegante, meu corpo sorve o que lhe aquece... Orvalhado maio dos campos geados, amplidão que faz vagar pensamentos na companhia dos *daimons*...

Nestas circunstâncias, clamei por Hermes, o mensageiro dos deuses, possuidor de conhecimentos para o bem e para o mal. Alcançou-me sua pedra de esmeralda de verde translúcido para regenerar minha alma e garantir fertilidade, além de transpassar as densas trevas gélidas e trazer ao espírito novamente a primavera, após as forças invernais.

Com a visão ampliada pela ativação das forças positivas da terra, obtive clarividência. E segui, para estudar o espírito humano, tentar desvelar seus segredos, abrir cortes no caos e investigar suas vizinhanças, buscar seus mistérios, seu devir. Para observar assim as transmutações espirituais e com elas produzir ações, um meio, um método. Um método que chamei de espiritografia, escritura potente que diz do espírito e que através de suas forças me impulsiona para além do que estou farta de saber.

Milfurar a percepção "normal" cotidiana, vuduzar as doutrinas dogmáticas que condenam espíritos à passividade, vunzar os antigos clichês da alma, fazer uma borrasca nos fluxos de pensamento são alguns motes deste processo. Exercitar o trilhar andarilho e errante — para deliciar-se com seus meios — das passagens de vida, dos naufrágios, dos pensares experimentais, mais livres e incertos. Onde o espírito funde-se e ressoa em uma escrita do vivível, pois que outros espíritos me atravessam a volatizar pensamentos. Aventura! Sim, pois é certo que quase tudo já foi escrito sobre o espírito. Mas: O que pode um espírito via escrileitura? É uma questão a ser percorrida, por seus labirintos em

[3] Produção escrileitora de Wagner F., da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica.*

uma aventura espiritográfica, uma fissura, um exercício escrileitor, um movimento de autoeducação. Autoeducação de pensar e experimentar como ato de resistência, de cortar, compor, reinventar e refazer conceitos, e com eles, criar uma escritura que descobre um mundo novo no já conhecido.

Uma criação de si em dois planos: o ontológico, do ser do devir que busca a diferença, e o metodológico, de levantar novos problemas. Ousadia de percorrer drama e comédia intelectual, confluência de duas vertentes de pensamento: Gilles Deleuze e Paul Valéry. Partícipes do jogo espiritual em que conceitos e escrita se mesclam desencadeando devires, distantes de julgamentos avaliativos, valendo o aprender do pensar vivo. É fundamental nesta trajetória ter ciência dos velhos conceitos; não negá-los, mas remodelá-los de forma diferente.

... *Daimons* me perseguem e entre canteiros deslizam, pois é possível perceber suas presenças, banham-se nas restais de sol entre as folhagens na tarde fria, balançam verdes galhos, que acompanho entre pensamentos bailados. Agora que a noite se avizinha, começam seus jogos obscuros, remexem papéis, enquanto tento esquecer o sono e traduzir em palavras o vai e vem em meu espírito, minha carne, um corpo em total ebulição.

Bulir pensamentos. Alfabeto, letras a formar palavras e com elas frases, modos de fazer ver as afecções do espírito... “A forma. A carne, Estrangeira dessa matéria: plena e frágil, dura e tenra, fresca e tépida” (VALÉRY, 2009, p. 133). Mãos a folhear livros, movimentar leituras, mexer em apontamentos... Assim começo a abrir trilhas deste alfabeto feito para almas e espíritos aventureiros.

Animar, então, é o verbo que conjugo, entre sopros de pesquisa, vivo! É a primavera de Hermes que esboça suas luzes primaveris e convida para novas aventuras do espírito. Há nestes tempos, sem dúvida, uma luminosidade diferente nos dias, ou serão apenas meus olhos penetrando novas "zonas de vizinhança"? A certeza não me habita, mas que um arrepio me percorre, é fato. Esmeraldinas partículas se fundem dentro e fora de um corpo insuprível de sensações.

Por esses meandros de sensações vive e funciona também uma composição espiritográfica. Operações nos labirintos do pensamento para elucidar as andanças espirituais, seu desejo de empiria rebelde, que cria e produz novas paisagens existenciais. Uma luz relampeja desejosa, acompanha os rabiscos mentais. Não que se desconheça o sombrio das coisas todas; o obscuro tem seus brilhos, sabe quem transita nos esconderijos do desconhecido espírito seu. Mares de incertezas, nus desertos, floração repentina, ilhas que emergem ou se distanciam de continentes, centelha no caos apocalíptico, tinturas, cores fugidias, variações, cabeça repleta, ondas de energia, incessante pensar, tempestade de signos, vertiginosa contemplação de vastas realidades do mundo em um canteiro de experimentações espiritográfico mutante.

O pensador escrileitor acompanha trajetórias de vidas singulares, dramas e comédias, criando personagens de fantasia. Atento aos detalhes, faz delirar o espírito de uma criatura do pensamento. Trabalha por intensidade de aproximação, fixa seu espírito sobre outro espírito, faz leituras de vida sobre uma nova composição do sujeito que não aceita ser assujeitado, pois está sempre se tornando, transmutando-se. Privilegia jogos espirituais de escritura entre o visível e o enunciável, onde: fala-se, vive-se, morre-se.

Mapas espirituais! Viagens de pensar exploratório, estimulado pelas leituras e elaboração de novas composições de textos. Espírito observador curioso, disposto a viajar por lugares inexplorados, margear encostas, ver a realidade através de múltiplos e diferentes olhos que na grafia espiritual das palavras se diz. Entre fluxos de correntes energéticas, meu espírito pulsa, a mão escreve esboços “da individualidade de uma jornada, de uma estação, de uma vida” (DELEUZE, 1994). E assim corre a tarde!

A malha intelectiva passa a desencadear fluxos de pensamentos, pois está à espreita para novas capturas, lançando-se em novos abismos exploratórios, disposta ao encontro com o inesperado, e assim, agita-se. São práticas operativas corpóreas, a misturar signos em que o trilhar existencial é mais importante do que a meta. Dar vida nova à escrita é parte constituinte deste processo, um modo particular de ver o mundo, num pacto lúdico de vida afirmativa de um espírito de veias pulsantes, que lê e escreve, pois que estas ações lhes são vitais e necessárias.

Aventura do possível do pensamento é a tônica espiritográfica. E com sangue na ponta dos dedos faz dançar personagens, de um espírito atravessado por miríades fazedoras de universos que sofregamente tenta se expressar na linguagem com audácia, pois que: "Toda pessoa traz em si uma dose de ópio natural incessantemente secretada e renovada, e do nascimento até a morte, quantas horas cheias de prazer positivo, de ações audaciosas e bem-sucedidas é que contamos?" (BAUDELAIRE, 2010, p. 55).

É necessário contar e celebrar façanhas escrileitoras, alegrar a vida e enganar a morte, vivificar o prazer positivo de um espírito que não aceita um pensamento direcionado, reto e burocrático. Espírito que ao navegar na escritura com outros espíritos, resiste ao devir inquietante das enormes ondas, mas paciente, espreita no balanço do mar bravio o tempo certo, o tempo de poder surfá-las.

> *A vertigem louca de nossa vida que temos por aí andando por aí lutando e esbarrando em nós mesmos... sempre em nós mesmos como tropeços e tropeçar pela vida por aí... lutando e berrando com outros e os outros que não somos nós mesmos e somos nós mesmos sempre sim, nós mesmos que não amamos e amamos por ver o que o amor pelos outros e pela vida... vertigem sim... vertigem, e não desmaie num mar de ilusões e mergulhe num oceano de amores e lute por tudo e por nós sempre até que a morte venha e não nos separe jamais mergulhados nesse mundo oceânico de paixões...*[4]

[4] Produção escrileitora de Cristiano P., da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica*.

Co-criação! Co-criação espiritual, como é possível? Uma espiritografia é uma co-criação? A tela em “branco” à frente dos olhos e os questionamentos marulhando, marulhando... Arriscar com a tecla: espírito, espírito, espírito, com as mais variadas fontes, tamanhos, cores, na horizontal, na vertical, invertido, brinco... Uma lufada de ar repentina adentra a sala... respirar fundo, observando o emaranhado sobre a tela, espaço e tempo para recordar Deleuze — “cabe à filosofia criar conceitos”.

E assim vem o texto, escorrendo. Se passo a dramatizar o conceito espírito como prática espiritográfica, tenho ciência de que esse conceito possui “pedaços de componentes vindos de outros conceitos”, e estes outros conceitos trazem a assinatura de épocas e de autores que imprimiram seus conceitos em determinado plano de pensamento, em que cada conceito tem um número finito de componentes que se bifurcam sobre outros conceitos, “[...] compostos de outra maneira, mas que constituem outras regiões sobre o mesmo plano, que respondem a problemas conectáveis, participam de uma co-criação” (DELEUZE; GUATTARI, 1992) .

O processo espiritográfico do alfabeto toma o conceito espírito, presente em outros textos, dramatiza no plano filosófico buscando sua história, e transborda para outros mundos de possibilidades conceituais, para uma “[...] encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes” (DELEUZE; GUATTARI, 1992): faz surgir o espírito escrileitor que co-cria através de ações de cortes, passa a rabiscar novos contornos, e com eles, espiritografar.

Essas ações de corte são potências que flanam sobre diversos outros planos além do filosófico, o educacional e o literário. Afirmando o que produz um pensamento que é vida. Vida como força conforme Nietzsche, pois algo me despertou o desejo, minha vontade de poder espiritografista, que é uma forma de arte que se manifesta, e não mais se contenta em ficar calada, pois que produziu uma nova imagem sobre outro pensamento. Quer mostrar-se enquanto força real do pensamento. A interpretação de uma espiritografia passa a ser medida a partir das forças e do poder que a fez produção, e não verdade. Outros espíritos podem se apossar dela — espiritografia “pronta” — e fazê-la outra, recortando novos planos, agregando novos conceitos. Daí sua maior potência.

Dentro e fora de mim voa e vive uma ave sagrada... Alma, palavra que evoca um poder invisível, fenômeno vital, princípio da vida. Alma, poderosa, rica em mistérios e de força supranatural. Alma, um espírito, um centro energético, ligada ao sopro e ao ar como princípio vital. Alma de duplo registro: *Anima* princípio da aspiração e expiração do ar, de registro feminino. E *Animus*, sopro, de registro masculino, regente dos pensamentos, sede dos desejos, das paixões. Alma dos numerosos símbolos como a Íbis-sagrada dos egípcios, representante do princípio imortal, "[...] poderosa ave de cabeça humana corresponde ao espírito próprio de cada indivíduo" (CHEVALIER, 1998), de natureza celeste, brilhante, comum aos homens e aos deuses.

Alma: mortal ou imortal, material ou imaterial, afirmar sua existência sempre gerou controvérsias desde a antiguidade. Mas é inegável seu reconhecimento, sua realidade como campo de estudo das atividades espirituais humanas, tanto que sua substancialidade é considerada pela maioria das teorias filosóficas.

Desde Homero, no qual encontramos uma primeira referência ao conceito de alma como "[...] *psyche* ou *sopro vital*, vista como uma imagem insubstancial do corpo, a que dá vida" (KIRK; RAVEN, 1966); e Hesíodo com sua *Teogonia*, sua genêse do universo mítico; passando por Paul Valéry, do Eu como intelecto, consciência de si; até Gilles Deleuze, que afirma que "O cérebro é o espírito mesmo", em *O que é filosofia?* (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Há inúmeros caminhos a percorrer para investigações do conceito espírito, e com eles, escrever. Assim, secreto minhas drogas corpóreas para renová-las, e com elas, levantar problemas:

É possível construir uma pequena noologia filosófica, concernente a dois espíritos — *nous* —, produzida via escrita entre Hesíodo e Homero? Como grafar de maneira diferente suas imagens do pensamento? Como traduzir o que se faz luz em meu cérebro ao lê-los? O que as línguas e bocas de Homero e Hesíodo ainda podem deixar vazar de suas obras, através das afecções que me causam?

São problemas levantados para que nos livremos da ilusão de que toda uma verdade já foi dita e percebida. Investigar, mapear, para ir além da forma recoberta de pensamento, pois o transcendente mítico é potente, inspirador e toca o espírito de forma diversa.

Assim, criei Hesímero, um ser de duas cabeças, que fala por minha boca através de lufadas de meu pensamento:

Sou um espírito de primitiva humanidade, em busca de respostas às minhas indagações sobre a origem do universo. Os acontecimentos da natureza e a da existência humana

me intrigam e me impulsionam a uma fantasia criadora. Os mitos me fascinam! A imaginação é generosa, faz surgir de minha alma o que expresso como minha "verdade", sem nenhuma pretensão teórica.

Escrevo uma Teo-cosmogonia, e nela esboço a doutrina referente à origem do mundo. Falei sobre o Caos e depois sobre Geia de amplo peito, para sempre firme alicerce de todas as coisas. Aludi ao brumoso Tártaro seus recessos da terra de largos caminhos, um abismo desfeito por Eros que edificou a ponte. Eros, "[...] o mais belo entre os deuses imortais, que amolece os membros e, no peito de todos os deuses e de todos os homens, domina o espírito e a vontade pondera" (KIRK; RAVEN, 1966). Seu reino é também sua orquestra das múltiplas divindades, geração e corrupção em vir a ser.

Em minha Teo-cosmogonia, os eventos cósmicos têm manifestação divina, são obras dos Deuses. Apresento-vos três: Raios e trovões vindos dos céus são arremessados por Zeus — deus supremo pai dos deuses e dos homens — sobre a terra. Zeus simboliza o reino do espírito, do esclarecimento da inteligência, da intuição. Empunhando seu tridente, Poseidon agita as ondas dos mares, Éolo comanda os ventos. Eis uma pequena amostra de meu modo de ver o cosmos fantástico-poético-mitológico. Escrevi também meus poemas, Ilíada e Odisséia [5], duas epopeias que tratam da tragédia ática que muito irá influenciar a literatura ocidental, por certo.

Eu, chamado Hesímero, apesar de tudo o que fiz, ouço minha fragilidade, minha estupidez e minha perdição. Sinto virem com o vento, vozes que me dizem da aproximação de um novo sistema cosmológico, onde se perderá o fantástico e o épico. O logos vem embalado e feliz no seio da filosofia, que aos poucos irá impor seus argumentos de razão, e isto alimenta a fadiga de meus dias. Que meu pequeno estrato compositivo e peculiar — ao qual dediquei a vida — possa coexistir filosoficamente através dos tempos. Este, meu último pedido!

[5] A Ilíada trata da Guerra de Tróia e tem como principal personagem Aquiles, e a Odisséia — cujo personagem central é Odisseu ou Ulisses — é um relato das aventuras desse herói após a Guerra troiana de dez anos, que tenta voltar ao seu reino chamado Ítaca.

Em presença do obscuro, meus anjos abrem a guarda. Os demônios festejam e sussurram em meus ouvidos. Por vezes, sufoco com a força potencial de uma espiritografia em construção. Escrevo em frenesi, os rabiscos e anotações se acumulam, o ar fica rarefeito, o calor insuportável. Essa superabundância de pensares esquinofreniza, perfura ideias e por vezes, "[...] a impaciência espiritual me consome, me incita... É a caça do diabo; o Daimon transforma-se em demônio" (VALÉRY, 2009). Há momentos assim, extenuantes, em que as dobras do pensamento emergem plenas de vitalidade. O apogeu se avizinha, a malha intelectiva compõe seus bordados. Uma brisa marinha traz as Ondinas, e com elas, brilhos resplandecentes recolhidos de inúmeras anotações luzem para novas trajetórias. Organizar tudo, autoeducar o espírito é resistir. Sigo pelo labirinto entre afecções — movimento espiritual que investiga o desconhecido e com ele opera espiritograficamente — onde viceja o texto:

Figura 2 - El despertar del dia, de Joan Miró[6].

Viver de espiar, espreitar ciclos de intensidades, o adoecimento que resiste à febre, o bater de queixos que se confunde com um riso louco. Vida por vezes famélica, alimentada insana pelos vestígios do dia, por traços letárgicos do que um corpo quer dizer. Fazendo germinar do mais íntimo, brotos que arrastam dedos e mãos, riscos

[6] Fonte: Memória urbana. Disponível em: <http://teoriadelaimagenurbana.wordpress.com/2007/06/09/ra-i-yue-zo-m-la/>. Acesso em: 08 dez. 2011.

deslizantes que o espírito impõe numa constelação, derramando figuras na superfície disponível de agora, entre gélidas madrugadas.

Há um calor de inconformismo, um ar de liberdade, sonho, vida sem freios, como um cão latindo para a lua. Um impulso, uma força que faz inverter figuras, girar entre carnavais, uma réstia de filosofia, pensamentos, ação, entorpecimento, criação suspensa de qualquer controle.

Não há exatidão, mas um gerar impreciso dos cabeludos pincéis molhados, misturado a uma vertigem de cores, gestação de uma obra fecundada, inominada até nascer. Signos que acontecem, pássaros, mulheres, asno, um autorretrato, o que ri e chora. Vinga, transborda, contrai, transforma-se e pede mais para vir a ser arte.

Um espírito que transfigura o mundo com linhas, traços interpenetráveis de lonjuras e desespero do que percebe diante dos olhos. Danação entre duas guerras e uma força regente, nebulosas de gestos, do que deseja resistir, encharcado, aquarelas espontâneas surgem do fundo claro, onde tudo escorre. Cabeleira de seda branca, enorme cabeça, silhueta de fera cavalga uma lágrima em forma de alazão, espargindo orvalho, uma arquitetura de sonhos despejados em estranhas geometrias na noite sem luar.

O desacreditado observa seus velhos sapatos constelados por galáxias, tintas, pingos estelares do que saltou em cores de um absurdo infinito universo, onde calça seus pés. Suas patas e corpo deitado numa enseada, onde mãos tateiam uma vez mais a viscosa tinta. Mas levantam fazendo surgir pintalgada litografia de um espírito comediante, que embora sangre, traça, vivifica em telas esculturas, amores e dores. Inquieto compositor de experimentações variantes, o solitário que em sua quietude “antissocial” deixou seu berro para que assim ocorra uma nova aurora pulsante, um mosaico que clame El despertar del dia e acorde o mundo.

Faz o que puderes, meu espírito, pois tudo é devir... Devir um campo para o lúdico da escrita e da leitura do espírito. Tudo devém, é certo; a Terra gira entre rotações e translações, assim como há giros múltiplos no pensamento que emitem signos de uma inteligência que vigia a realidade na qual "*a escrita é falar com os olhos, tateando substratos à procura do discurso, literalmente*". [7]

Se me refiro ao devir, preciso falar sobre Heráclito e aludir ao seu devir da alma. O Obscuro, como era chamado Heráclito, afirma que tudo está em fluxo vir a ser. Tudo está em incessante transformação como num rio, nada há de permanente. O devir tem uma causa e obedece a uma lei, seus movimentos são ascendentes e descendentes assim como o fogo cósmico, de onde tudo procede.

Heráclito mostrou com nitidez que o conhecimento da alma é extremamente relevante para o conhecimento da estrutura do cosmos. O equilíbrio do mundo é regido por uma justiça cósmica. Somente pelo logos — razão — é que encontramos a verdade. O logos não é transcendente — fora do mundo —, mas imanente, uma lei intrínseca, existente nas coisas, alimentada por um Deus único.

Essa visão imanente é atingida pelos homens despertos de almas ascendentes que atingiram a verdade — e se unirão na hora de sua morte novamente ao fogo eterno. Cabe às almas ascendentes a tarefa de despertar os que ainda dormem e buscam somente os prazeres. Essas almas adormecidas — descendentes e bárbaras — que almejam somente os prazeres no momento da partida desta existência cessam de existir como alma.

Se até Heráclito a escrita literária era fragmentária, ele inova na linguagem utilizando-se do aforismo para dar vazão ao seu modo de pensar. "Faz-se obscuro para desencadear o que vive nas sombras, a natureza que acontece e faz acontecer" (SCHÜLER, 2001, p. 126). Seus discursos trazem uma porção de dinamite, que manda pelos ares os antigos discursos dos princípios e fundamentos. Seu universo é pulsante, seus sentidos aguçados e se traduzem nos atos de fala.

Assim, não é preciso empreender grandes viagens como a de Ulisses de Homero para adquirir sabedoria. O pensador, segundo ele, conhece as coisas em profundidade: "Sentado tranquilamente ao pé do fogo, pode-se percorrer com a psique o universo inteiro" (SCHÜLER, 2001, p. 14). O que sentimos é o que dá sentido à vida.

[7] Produção escrileitora de Marcelo P., da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica.*

Maurice Blanchot, em sua obra *Conversa infinita 2: a experiência limite*, conclui que Heráclito utiliza-se de "um altíssimo jogo de escrita" (BLANCHOT, 2007). Em uma época que os "mestres da fala" estão em alta, Heráclito se utiliza do mistério, da sobriedade e da severidade para tentar desvelar os segredos das coisas. Seu foco é a simplicidade descoberta na riqueza das palavras ditas "pobres", dá a elas seu valor máximo através de formas breves de expressão.

A linguagem sagrada transforma-se em força de abertura, um "poder de enigma" em que palavras acopladas **—** como "Vida-Morte", "Tudo-Um", "Noite-Dia", "homens-deuses" **—** são signos cambiantes. Desdobram-se fazendo com que busquemos o que eles escondem, e não somente o que têm de diferente. A linguagem heraclidiana inaugura o enigma da Diferença, tornando-a potência viva, "[...] fazendo-a falar e ainda antes de ela ser palavra, denunciando-a já como *logos*, este substantivo altamente singular no qual se retém a origem não falante daquilo que incita à fala e que, em seu nível mais alto, ali onde tudo é silêncio" (BLANCHOT, 2007), produz sinais.

Por onde palavras, nomes – encontros
Coisa – nome. Coisador – nomeador.
Espaço – vazio. Onde se espalha – que não é.
– Preciso do nome. Com quem?
– Com o nomeador, mas da coisa.
– Coisa me coisa, pra disparar, para listar.
Nome, para nomear?
– Coisador, onde está? Preciso dicionar!
– Dicionará nome do objeto, que eu coisar?
– Se o nome-objeto não me atravessar?
– Pensa: fenda entre coisa e seu nome.
Vazio não há?
– Palavra há.
– Preciso do espalhador!
– Espalha palavra?
– Quando?
– Quando encontrar!
– Quando eu encontrar, encontro razão para nomear.[8]

[8] Produção escrileitora de Giane F., da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica.*

Graciosa manhã! De coragem me enches para enfrentar o pensamento da Antiguidade e promover encontros na procura pelo conceito alma... Encontro-me hoje com Tales, um dos sete sábios da Antiguidade, que nota a diversidade das coisas do mundo. Há algo de comum entre elas, em todas as coisas observáveis encontra-se água, terra, ar e fogo. Mas a água tem prioridade entre os outros elementos, pois é dela que tudo se origina e se deriva: por condensação, a terra; por rarefação, o ar e o fogo. Há no pensamento de Tales resquícios de elementos míticos, a água dos rios e mares repletos de divindades, onde se banha Afrodite, a deusa do amor e da vida.

A alma, para Tales, é algo cinético como a pedra de magnésia, que possui capacidade de deslocar o ferro. Mesmo os objetos aparentemente inanimados estão vivos, cheios de deuses. A alma, em Tales, também aparece como algo motriz, associada à respiração e ao sangue, ao fluído espinhal, fonte da consciência e da vida humana. A alma faz mover os membros vivos do homem, e de igual modo, outras coisas;

> [...] se perde os sentidos, é porque a alma o abandonou ou se tornou incapaz; se morre, é que ela ficou permanentemente neste último estado, e a "alma" que em Homero desce ao Hades, soltando gritos estridentes, é uma mera sombra, visto estar dissociada do corpo e já não poder produzir vida e movimento (KIRK; RAVEN, 1966, p. 91).

Tales, empresta-me teus olhos marejados das águas de seu pensamento, onde imprimes tua assinatura do dualismo corpo e alma! E o pensamento que pensa em Tales, por instantes percorre meu corpo. Magia, movimento em trânsito, nebulosas que fascinam pelos mistérios que também tento desvelar, numa recíproca de inversão que me leva ao seu mundo. Cinética alma, motriz pesquisa espiritual, sopros e ecos vindos da lembrança, vida e movimento — necessidade do pensamento de aprender a pensar —, ritmo filosófico, vozes oriundas da alma de Pârmenides de Eléia.

Aprender a pensar é também aprender a levantar problemas. Pensar é saber perguntar, tentativa de desvelar segredos, pois como lembra Jacques Derrida em sua obra *Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio,* "Um segredo guardado é sempre um segredo perdido" (DERRIDA, 2005, p.24). Problema, do grego *pro-ballein. Pro* significa abertura e *ballein* quer dizer lançar, propor, constituir. E buscar, através destes problemas formulados, dar mais vida ao pensamento, e com eles, ir adiante. Repelir o que não traz interesse, inventividade, fluidez criadora. Perguntar: como? Esta palavra mágica é uma abertura para universos.

Como também de comer, pois que todo espírito se nutre de algo para suportar o inferno

dos dias e não perder os sentidos. Nutrir-se como apregoa Miller (1974), devorar textos, o livro, que é "[...] mastigado vivo, digerido e incorporado ao organismo como carne e sangue, que por sua vez, criam novo espírito e remodelam o mundo" (p. 183).

Como! Também exclamante. É num *mix* de exclamação e pergunta que fazemos a jornada espiritual e seguimos a perseguir o conceito espírito para dramatizá-lo. Chegar! O mais intenso é o percorrer, pois tudo devém. Então: "Abandonem as cavernas do ser. Venham. O espírito respira para fora do espírito. É tempo de deixarem suas moradas. Cedam ao Todo-Pensamento. O Maravilhoso está na raiz do espírito" (ARTAUD, 1983).

O Buraco

– Ah, este tempo de aguardo, este tempo tão compactado de vazio, que vaza.
– Já não sei: este é meu ou é o teu, que se fez meu?
– Talvez o meu seja o teu.
– Não sei se sinto o meu.
– Agora é, meu pé, teu pé e versa e vice. Todos tomados de sangue quente, que gela e colhe formigas gananciosas.
– Aqui vendo apenas sombras e confundindo corpos, paro segundos para pensar, neste silêncio, carregado de sons. Aqui é certo que o nada não existe. Estamos nada.
– Mas será que há procura?
– Se houver ausência.
– E se houver ausência, há ou haverá procura?
– E se não houve presença suficiente, haverá ausência?
– E se...
– Tempo, que não havia, agora se esparrama como grama, de anseio e de tortura pelo que ficou e medo de não significar. Por que ter que significar para ser presença?
– E se for, o que dizem que é?
– É?
– É! Vazio!
– O vazio é a espera, o vazio é o que traga a consciência, é o que dilui a crença, é o que despe a certeza, que deixa suada a nuca, o peito pequeno e o sangue gelado.
– Se admitir o vazio, vazio de vazio. E se acostumar com a espera, não há possibilidade de nós presença.
– E se preferir as sombras.
– E se já estamos vazio, socorro não há.
– A luz vem e vai.
– Já somos, estamos!
– Estamos buraco. [9]

[9] Produção escrileitora de Giane F., da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica.*

Hoje será o dia da besta! Dentro de muitas almas há uma besta acordada... Foi a última frase escrita na madrugada silenciosa. Caí num sono profundo. Meu espírito a vagar numa sonolência bestial, em que um coro de crianças cantava um refrão: Opinião, não, não, não!

Um ancião se aproxima das crianças, com um pergaminho minúsculo luzente e lança uma máxima, um fragmento que lê do pergaminho em tom de profecia. Silêncio total, as crianças se calam e ele diz: "Vivemos imersos em opiniões prontas, adocicadas, cujo meio de resistir é pensar, luta diária sem trégua, enfrentamentos diante do que delimita o humano e o faz triste e taciturno. Viver é aventura delirante, em que buscamos com desespero traçar planos no caos dos dias. Então, promover espaços de intervenção e pesquisa entre leitura e escrita possibilita um novo pensar e um novo aprender que tem na alegria um potente disparador".

As crianças correm, em coro dançam e cantam: dispara-dor... a dor dispara... dis-parador... dis-para-dor... dispara-dooor!

O ancião também corre e pula, imprimindo um bailado estranho, e para. Lança um olhar cinético ao derredor e some em direção à mata de onde havia surgido.

Levantei mareada, a cantiga nos tímpanos, o relógio marcava quatro horas e me pus a escrever o que vinha da raiz de meu espírito: Besta espiritual é o cultivador da besteira. Besta do latim *balista,* uma arma antiga, formada de cabo e corda, com que se disparam pelouros (balas de ferro ou pedra) ou setas. Pois a besta espiritual que aqui enfatizamos está sempre a disparar pelouros de bestagem. É contra a bestagem que o espírito deve lutar se quer espiritografar. Nada de melancolia espiritual, de negativos pensamentos nesta busca. Pensemos sim, contra a estupidez com alegria. Abaixo a besteira! Gritam os sons dos acordes vitais. "Eudóxio e Epistemon", adeus! Saiam do paraíso fechado e hermético do bestar.

Delirantes exercícios do pensamento são o antídoto, a saúde, choques na inércia cerebral, para suportar o estrangeiro, afastando o peristaltismo da *doxa* e das opiniões estagnantes. Esses determinismos cruéis que matam a possibilidade de vida e novos pensares, refletindo dogmáticas imagens do pensamento. É possível tornar o insignificante bestial produto de criação? Como deixar de flutuar pelo fundo morno digestivo destas práticas inconvenientes e intoleráveis?

Arrisco uma via acompanhando e evocando Deleuze e Guattari, pois "trata-se sempre de libertar a vida lá onde ela é prisioneira, ou tentar fazê-lo num combate incerto". Ir além da bestice humana, transcender a besteira, pés descalços, espelhos quebrados, "brilho no

olhar", desvulcanizar a bestalização, desinflamá-la, desassossegá-la, tratá-la como problema filosófico e investigar: o que é a besteira? Sugestão Deleuziana contida em *Diferença e Repetição* ao tratar o "Problema da Besteira" (DELEUZE, 2006). Em qual pântano espiritual ela se cria? Quais suas vulnerabilidades existenciais?

Dar-lhe uma nova dimensão é uma saída, um novo sentido, uma perspectiva, torná-la mais suave, quem sabe? Enfim, uma busca para dar sentido às lutas muitas vezes desconexas do homem que condenam o pensamento a uma inconsistência paralisante. Busca por vivificar o espírito, do instante vivo, do uso das faculdades espirituais — em que a vida é curso e fonte — capaz de uma consciência criadora. Que tira da realidade, mesmo que brutal e besta, forças geradoras que o fazem seguir adiante.

Para quem um dia...

Para quem um dia foi
No passo do outro, se perdeu.
Para quem um dia perdeu
Na angústia do encontro, se sentou.
Para quem um dia se encantou
Nos olhos perdidos, deitou.
Para quem um dia não foi
Na bailarina, se salvou.
Para quem um dia achou
Nunca acertou!
Para quem um dia escreveu
Anoiteceu de amor[10]

[10] Produção escrileitora de Carolina F., da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica.*

Inspiro um cheiro de lenha que se inflama, vindo das chaminés das lareiras e dos fogões a lenha que se acendem. Acácias em chamas, estalitos incandescentes, aromas que recebem a noite. Ilusão e espera de que a tarde fosse mais quente; a última réstia de sol passa pela porta entreaberta, anéis de fumo, café e nicotina. Cortina fantasmática parecendo renda que se desfaz na atmosfera gelada. Reviro guardadas escrituras, bilhetes, anotações, a cesta se avoluma em rasgos do que destoa... É agosto, um cão louco passeia a farejar, lambe seu próprio pelo todo negro, apenas seus olhos têm o tom do melado abismo e eles me fitam...

Noite silenciosa em que espiritografo uma carta de Platão dirigida ao seu amado mestre Sócrates, anos após sua morte:

Graças, Sócrates, por teres alimentado minha alma e fazê-la dialogar entre ironias, doxas e partos espirituais, através da maiêutica por ti legada! Escrevo para te contar a verdade por mim descoberta. Sei agora com clareza que o elemento espiritual é obra do Demiurgo ou Fiturgo, "criador e pai do universo" (PLATÃO, s/d), designações encontradas em minha obra *República* — é assim considerado o artífice do mundo — um Deus a quem coube a função de produzir a alma, o elemento espiritual.

Sabes, Sócrates, que homem não possui apenas uma alma, mas três: alma racional localizada na cabeça, alma irascível no peito e a alma concupiscível no ventre. A alma racional é como o cocheiro; as outras duas, os cavalos que puxam o coche. Assim expus na minha obra *Fedro*: o bom cavalo tem o corpo direito e flexível, cabeça alta, nariz curvo, olhos negros, pelo branco, amante da honra, do pudor, da temperança e da opinião verdadeira. O outro, pouco desenvolvido, é encurvado, com pescoço torto, nariz chato e pelo escuro. É surdo, lascivo, atrevido e dificilmente cede aos castigos.

Por inspiração tua, mestre, segui adiante! Criei a doutrina de reencarnação das almas na qual utilizei o termo técnico de metempsicose que é encontrado em vários diálogos meus, especialmente no *Fédon ou da alma*. A alma, mestre — como suspeitávamos, antes da cicuta —, é preexistente e vaga em outro mundo à espera de reencarnar. Essencialmente, o homem era somente alma e existia no mundo das ideias no Hiperurânio. A alma, antes de encarnar no corpo, existia unida às ideias primordiais do verdadeiro, do bem, do belo, e sua felicidade consistia na contemplação das ideias. Separada dessas ideias primordiais, por não mais dar-se à contemplação, a alma tornou-se obscura, pesada, esquecida e perversa, caiu na Terra.

A alma, assim encarnada no mundo, recorda seu passado feliz — reminiscência — e atormenta-se, desejosa de voltar à sua origem feliz após sua morte corporal. Assim encarnada, a "alma se transvia e perturba", por sua natureza estar sujeita a mudanças corpóreas. Quando, porém, contempla sua essência própria, dirige-se para o que é puro, eterno, imortal. Sendo ela dessa natureza, cessam seus transviamentos, pois unida está ao imutável, e esse estado da alma se chama sabedoria. Sabedoria que almeja a verdade e a justiça. Verdade virtuosa, que combate os desejos do corpo, seus apetites, temores, imagina quimeras e tolices que o tornam desajuizado e louco.

E mais, querido Sócrates: o espaço entre céu e terra é ocupado por demônios ou daimons. Como bem sabes: em nosso tempo, a palavra daimon é utilizada para designar espíritos em geral, espíritos superiores chamados deuses. Esses seres são designados como acompanhantes durante a vida encarnada, e após a morte, são os condutores que levam as almas para serem julgadas. A vida verdadeira está no além, no invisível Hades, onde as almas são julgadas segundo os critérios da justiça e da injustiça — o pior dos males —, da temperança e intemperança, da virtude e do vício.

O juiz pode emitir três sentenças, conforme o comportamento do homem no mundo: se foi justo, sua alma será premiada e se dirigirá para as ilhas felizes. Se tiver vivido praticando injustiças e for considerado incurável, receberá castigo eterno, irá para o Tártaro. Se suas injustiças forem curáveis e se arrepender dos erros praticados, será castigado apenas temporariamente até expiar suas culpas, recebendo a recompensa que merece. Sim, escrevi sobre isto também em minha Alegoria da caverna. Onde o homem, outrora encavernado, liberta-se do falso e tem no saber verdadeiro seu bálsamo, um poder congregador, um idealismo capaz de salvar os espíritos rebeldes e dar-lhes uma senha de acesso, um passaporte para ilhas felizes, longe do Tártaro.

Assim me despeço, querido amigo da sabedoria. Nossas almas por certo irão se encontrar para novos diálogos e abriremos novos leques dialéticos num processo infinito no qual a razão impere e sejamos para sempre felizes.

Seu sempre discípulo Platão

Atenas 347 a.C.

Já ardem meus olhos cansados. Muitas leituras por todo o dia, até chegar às luzes do Renascimento perseguindo espíritos... Com sede de todas as águas e sem poder bebê-las todas, é que faço um *pot-pourri* do pensamento e sigo a dramatizar o conceito espírito, buscando suas variações.

Encontro Aristóteles a pensar no seu Liceu: como superar as concepções do dualismo antropológico platônico? Para Aristóteles, o homem é composto de uma matéria chamada corpo que possui uma forma que é a alma. A alma constitui, com o corpo, a "pessoa" humana em uma unidade substancial. Assim, a alma não é um produto das condições físicas do corpo, mas a forma do corpo, o qual recebe dela — alma — o ser e o operar.

As funções da alma são três: v*egetativa*, que tem como finalidade a nutrição, conservação do corpo e da espécie; *sensitiva*, que é exercida de dois modos pelo conhecimento — cinco sentidos e três internos, o comum, a memória e a fantasia — e pelo apetite; e *intelectiva*, exercida de três maneiras pela abstração, pelo juízo e pela argumentação (MONDIN, 1986).

A alma é como um quadro negro, uma *tábula rasa*, ela não preexistiu em outro lugar, e vai gravando suas experiências adquiridas na vida presente. Difere assim de Platão, no qual a alma servia somente para recordar e despertar as Ideias. A alma é imortal para Aristóteles, pois é fruto do intelecto agente que ilumina os dados sensíveis, produzindo assim a Ideia, cabendo ao intelecto passivo recolher os dados e conservá-los.

Giro meu caleidoscópio espiritual para o Estoicismo, movimento filosófico do período helenístico, mais precisamente nos fins do século IV a.C. É assim designado, pois o próprio Zenão ensinava, dava suas aulas sob os pórticos (*stoá*) na cidade de Atenas (MONDIN, 1986). Zenão era afeito à física como disciplina do conhecimento, e com ela escreveu seus famosos paradoxos.

Na física estoica, o espírito é admitido como *Pneuma* ou *sopro* animador, termo original de onde derivam outros — espírito é o que vivifica —, servindo como referência às várias doutrinas antigas e modernas. Para Zenão e seus discípulos, a *catalepsia* é o forte, ou seja, a compreensão do objeto se dá pelo consentimento mental, e não pela representação. Os estoicos acreditam também no cosmopolitismo, "doutrina onde o homem não é cidadão de um país, mas do mundo" (ABBAGNANO, 1998).

Voltando o olhar para Alexandria, vemos uma bela mulher: Hipátia, filósofa pagã, estudiosa da matemática e da astronomia acompanha pelas janelas da biblioteca — onde dá aulas — as grandes manifestações na ágora. Alexandria que fervia com lutas entre

cristãos, pagãos e judeus, numa época em que o Império Romano passa gradativamente a ser cristianizado. Hipátia tinha convicções políticas, seguia o neoplatonismo sem apelos religiosos. Não simpatizava com os cristãos, por ela considerados bitolados e fanáticos.

O fim do pensamento livre e científico se avizinha, com o advento do dogma cristão e a decadência das civilizações grega e romana. E realmente, Hipátia não conheceu o fraterno amor cristão. Suspeita-se que "[...] por ordens de São Cirilo, patriarca de Alexandria, foi arrancada de sua carruagem, despida, esquartejada com conchas afiadas" (OSBORNE, 1998) até ser queimada na fogueira. Hipátia marca com sua morte a decadência do livre-pensar; o conhecimento em suas várias instâncias espirituais passa a ser vigiado. A filosofia torna-se um problema, suas escolas remanescentes são fechadas, é o início do sinistro período intitulado de Idade das Trevas.

Meu olhar volta-se para África, mais precisamente para Tagaste, cidade onde Santo Agostinho nasceu, num tempo em que um filho de mãe cristã e pai pagão podia frequentar o bispado de Cartago. E assim ele o fez, até seus 35 anos. Agostinho de Hipona era pecador: roubava peras quando criança; quando rapaz, costumava passar noitadas em bordéis. Após essa vida em meio ao caldeirão fervente da luxúria, entra em uma fase celibatária e passa a escrever sua autobiografia, as *Confissões* (OSBORNE, 1998). Assim, igreja e Santo Agostinho se juntam e, almejando encontrar uma base racional para a fé cristã, a *Cidade de Deus* — virtuosa — deve combater a *Cidade do Diabo* e seus vícios torpes. Desse modo, é possível separar os eleitos e punir os condenados.

Temos em Agostinho um exemplo de produção intensa de escrita, parte da história que vale a pena ser revisitada à procura das forças criadoras de vida pensante, "onde cada instante recolhe em si o seu tempo e sua inteireza, conflitos de forças que nos dão a pensar [...] e permitir a criação da novidade, sem sucessão do passado como explicação do presente" (PEREIRA, 2012, informação verbal), mas ver a experiência medieval para além das fogueiras, como produtora e também criadora de saberes.

Agostinho procura a solução para os problemas filosóficos não na realidade exterior, mas na interior da alma, como na filosofia platônica. O conhecimento humano possui três operações: dos sentidos, da razão inferior e da razão superior. Odores, cores, são percebidos pelo conhecimento sensitivo. Porém, o sentir não é do corpo, mas da alma por meio do corpo, pois a alma é superior e não pode depender dele — do corpo — em nenhuma atividade, nem mesmo a sensitiva. A razão inferior é responsável pelo

conhecimento científico, se ocupa das coisas do mundo corpóreo, procurando descobrir suas leis universais via abstração. A razão superior busca as verdades eternas, uma iluminação divina, e não por meio da doutrina da reminiscência como em Platão, mas na doutrina da iluminação (MONDIN, 1986).

Segundo Agostinho, o conhecimento não se dá pela linguagem, pelas palavras, mas é revelado, pois as ideias provêm do Mestre interior, o Cristo. Enfatizado em sua obra *De magistro*: "A virtude incomutável de Deus e a sempiterna sabedoria que toda alma racional consulta, mas que se revela a cada um quanto é permitido pela sua própria boa ou má vontade" (HIPONA, 1973, p. 351).

No pensamento de Agostinho, há no homem vestígios e imagens da Santíssima Trindade, no homem está à presença de Deus. O mal não deriva de Deus, e sim das criaturas que não receberam a revelação. Questiona-se: como pode sair algo contaminado das mãos de Deus? A visão cristã do universo construída por Hipona toma como base a Patrística[11], que com ele atinge seu ponto conclusivo e culminante. A visão agostiniana perpassa todo o medievo até Tomás de Aquino e segue além. Entre pestes e guerras que assolam a Europa, a Igreja Católica Romana transforma-se em força dominante. O Papado ocupa o espaço político, criado com a queda do Império Romano.

[11] Patrística é a filosofia cristã que consiste na elaboração doutrinal das crenças religiosas do cristianismo e na sua defesa contra os ataques pagãos e contra as heresias.

K. Essa letra que trago em meu nome chegou num sonho, como luminosidade, um ponto “k” em plena luz do dia. Sim, era dia no onírico mundo! Ouvia ao longe águas musicadas a silvar; dei um passo e mirei o abismo. Colorido dia banhado de sol. O visível propõe seus enigmas. Até onde a vista alcança, riachos formam um “K”. Mais um passo, uma estrangeira no esplendor do meio-dia. A terra impõe sua nudez e sua quentura sobe por meus tornozelos. Levanto as mãos na vã tentativa de proteger os olhos da intensa luminosidade... Miro rios com suas individuações, hecceidades em “K” de Duns Scot [12].

É meia-noite! Bigodes felinos me fazem acordar...

Mia Couto me cai aos olhos em meio a uma pilha montanhosa de livros sobre a mesa. Abro aleatoriamente — Quinto capítulo de *Terra sonâmbula* — e leio: “A gente vai chegando à morte como um rio desencorpa no mar: uma parte está nascendo e, simultânea, a outra já se assombra no sem-fim” (COUTO, 1993, p. 103).

Quantas águas espirituais navegadas? O que deixo ver deste “flagrante delito de fabular” (DELEUZE, 1990, p. 157) entre sonhos e vigílias?

Retomo pensamentos: a referência deleuziana sobre hecceidades vem da ressonância com o pensamento de Scot, de que a vida nasce do encontro de uma liberdade movente, uma corrente em direção à meta que o intelecto exprime via vontade de mover-se, e movendo-se, transforma. Como dois riachos, dois rios com suas individuações, “[...] são eles que se expressam na linguagem, mas é a linguagem que lhes dá uma vida própria individual, faz passar algo entre eles” (DELEUZE, 1990, p. 176). Assim se refere Gilles Deleuze à escrita impessoal feita com Felix Guattari — chamada de “hecceidades” (DELEUZE, 1990, p. 176). Mesmo que as hecceidades sejam microscópicas e modestas, como pondera Deleuze, o que importa é a individualidade dos acontecimentos desejosos vivificados na linguagem.

E a escrita que se cria é também poligráfica — como nos diz de Bhartes —, quem sabe uma palavra rio, que com águas doces grafa o que sua fluidez desenha, em contornos, deixando pelos trajetos, frases de singular expressão que chegarão ao mar e se farão outras salgadas palavras.

---

[12] Duns Scot criou o termo *hecceidade* ou individuação como uma forma particular que se sobrepõe à forma específica, em que o homem é composto de corpo e alma. A alma, porém, não é a única forma do composto; junto com a alma está a forma chamada *mixtionis*, ou seja, forma da mistura do composto corpóreo. A alma é conhecida por suas operações, em que a intelecção é uma operação natural e necessária do ser. Nesta operação agem duas forças: a vontade, que é primeira, e a natureza, segunda (MONDIN, 1986).

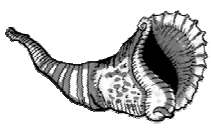
Um texto ornado de flores e de pérolas marinhas, onde o ato de escrever diz da paixão, um aventurar-se “com”, muitas vezes nas sombras, “[...] um feiticeiro que golpeia a si mesmo”; onde “as vozes que lhe falam são mais sábias e mais dignas de atenção que seus próprios gritos” e lhe sorvem o sangue (YOURCENAR, 1974, p. 310).

Ler é da ordem do desejo, estar aberto para penetrar e deixar-se penetrar nos recessos de uma leitura espiritográfica, descobrindo as coisas mais simples para que assim aconteça a revelação de ocultos seres que habitam textos e aparecem após movimentos de pensamento, abrindo espaços para o inédito, para pensarmos em nós mesmos. Podemos ter vertigens, vagar, viajar por um tempo “[...] às cegas, num mundo louco, no meio de estranhos”, ao modo de Malone em Beckett (BECKETT, 1986, p. 147).

O escrileitor é um ser peripatético, operador de devires-minoritários, devires-outros. Longe da tentação dialética, a criação nutre um pensamento divergente, da diferença, que celebra prazeres estimulando a multiplicidade das vozes que governam textos, entremeados de enigmas. Possibilita o surgimento de intermitentes e violentos pensares que proliferam, turvando transparências, abrindo fendas e novos limiares que querem “não o que está feito, mas o que tortuosamente ainda se faz” (LISPECTOR, 1990, p. 8).

“D”

> *Estar no lugar do desejo, no “D” de desejo, quando faz emergir o que lê. Fazer da escritura o deleite que provoque fruição, em um processo com múltiplos encontros, todos plurais e disparadores. Oferecer possibilidades, aguçando os sentidos, arranhando a pele, dilacerando certezas e instigando procura. Não sou tagarela, possibilito respiro para as artimanhas e deixo que sigam caminhos dicionarizando a vida.*[13]



[13] Produção escrileitora de Giane F. da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica*.

Livro! Sim, eis a resenha imaginária de um livro imaginário em primeira mão, de um dos frutos colhidos no movimento experimental das *Oficinas Espiritográficas de co-criação dialógica*:

Espiritografias de Co-Criação Dialógica[14]

> *O prazer do texto é esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias ideias — pois meu corpo não tem as mesmas ideias que eu.*
>
> *Roland Barthes*[15]

Dois momentos e não gêmeos, já são paridos, quando acontece um lançamento na literatura da Filosofia da Diferença, como este: de muitas outras edições e a previsão de que em sua primeira, o esgotamento relâmpago nas prateleiras é certo. O livro Espiritografias de Co-Criação Dialógica, da Editora Territórios, de Porto Alegre, foi processado cartograficamente, em uma fragmentação deliciosa e provocante, onde cada pedaço rizomaticamente seduz, captura o leitor, tornando-se um objeto fetiche, como Roland Barthes[16] *diz: "O texto é um objeto fetiche e esse fetiche me deseja" [...]. O Espiritografias deseja-nos.*

A delícia do livro anuncia: os autores morreram, desapareceram! Porque o leitor é quem deliciosamente assume a sua posição de importância, não de uma luta ferrenha e ganha, mas de um lugar da fruição, do prazer de ler. Assim, este livro-coisa-nome é como para Roland Barthes, em O Prazer de Ler: um potente jato de palavras. Este potente jato de palavras abre-se em um extenso rizoma de possibilidades de criação onde, escripintado e aflorado, não é tagarela, e sim com zonas fantásticas de respiro, de deleite, esfolando o leitor, esparramando imaginação das fendas desta esfoladura.

Já no seu primeiro capítulo, dialoga e exercita a escritura das imagens, a escrita a partir ou pelo viés do olhar, da sensação, escrevendo as imagens, escrevendo olhares, escrevendo fruições. Segue fabulando, dialogando com as imagens, onde provoca encontros e dispara a punctescrita. O leitor vive e lê a cidade, encontra-se libertamente com o olhar do outro e faz a sua própria composição, seus recortes, seus conceitos, vindos da fuga do studium. São quatro capítulos e imensos processos, que se ramificarão e se esparramarão pelas fendas, ranhuras da vida do leitor.

Conversas, muitas e deliciosas conversas onde os autores, organizados pelas excelentes e desafiadoras mestras Franciane Cardoso e Idalina Krause, ambas grandes estimuladoras de deslimites da palavra e experts em espiritografias, fazem do diálogo o exercício máximo neste imenso rizoma da escrileitura. São muitas, todas intensas, todas possíveis ou não. Fica o convite para esta leitura sedutora.

---

[14] Produção escrileitora de Giane F., da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica*.

[15] BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. 4. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004. p. 24.

[16] BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. 4. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004. p. 35.

O QUE: Espiritografias de Co-Criação Dialógica

AUTOR: *Franciane Cardoso e Idalina Krause (orgs.)*

NÚMERO DE PÁGINAS*: A certa é a nº 01; o fim, indefinido. A escritura continua processando, segundo a segundo da vida dos autores*

QUANTO: *R$ — o seu desejo*

EDITORA: *Editora Territórios*

Movimentos cosmocrônicos aos milhares! Há novas cores de Van Gogh no jardim, e com elas, abelhas, muitas abelhas, um inferno de abelhas... A casa virou gigantesca colmeia; sou a intrusa no meio do vespeiro... Novas sensações atravessando a carne. O vento de outro setembro traz uma voz vinda de outras paragens, e com ela, *O grito* de Bacon ferroando no espírito. Espiritografo então:

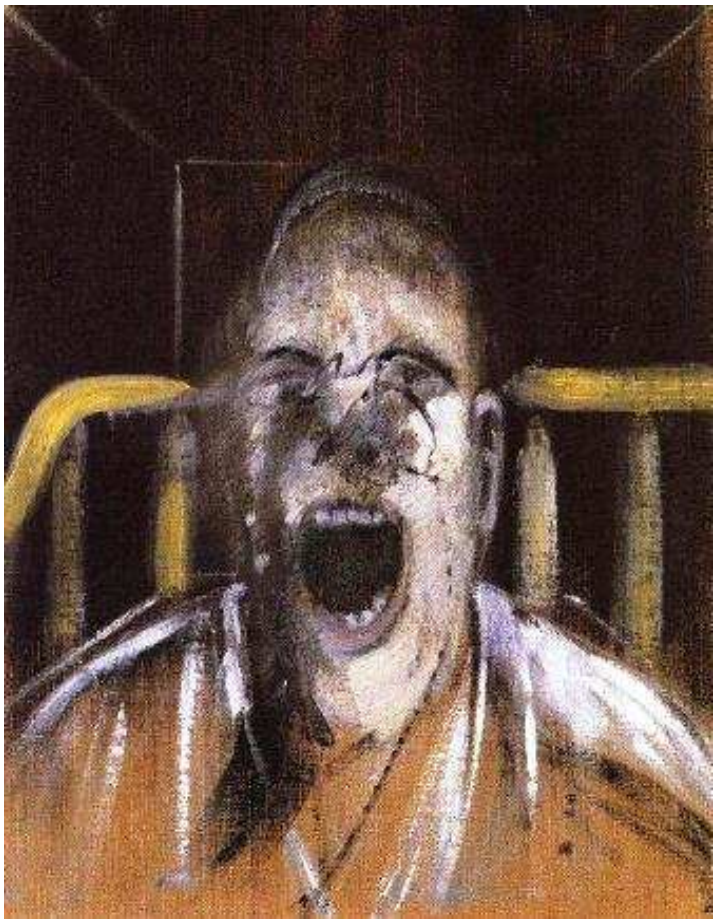


Figura 3 – Francis Bacon, Study for the Head of a Screaming Pope, 1952[17].

No início do século vinte, nas distantes terras da Irlanda, uma criatura era gerada. Imerso na água placentária, Francis deu sua primeira espiada no mundo, assustado pelos gritos da mãe que lhe dava à luz. Jessie, a empregada, cuidava do pequeno Francis, aplicando doses de morfina para aliviar seus ataques alérgicos e asmáticos.

O infante solitário Francis adorava admirar espelhos, fascinado pelo reflexo de sua sombra, alojada por trás da moldura. Cobrir seu corpo com roupas íntimas de sua mãe

[17] Fonte: obviusmag.org. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2008/06/os_papas.html#ixzz1g2s22rFI>. Acesso em: 08 dez. 2011.

Winnie espantavam sua “timidez”, brincava e ria fazendo trejeitos diante do espelho do quarto.

O riso se tornava pranto pelo chicote do pai enfurecido que não suportava suas traquinagens, batendo com força em sua pele clara e macia, deixando marcas avermelhadas e dolorosos hematomas roxos, que perduravam por dias. O bruto militar Eddy, treinador de cavalos e veterano da guerra dos Bôeres, não podia admitir tamanha afronta do afeminado filho, queria fazê-lo homem.

A família Bacon possuía tendências de nomadismo geográfico. Dublin foi apenas o ponto de partida. Após sua adolescência nômade — geográfica e espiritual —, quando aparecem as primeiras incursões pela pintura, Francis migra carregando no bolso três libras para viver em Londres. Aprofundar seus estudos em Nietzsche, longe da Irlanda e da “sacal” família Bacon era sua meta. Para complementar as míseras libras, Francis se aventura como empregado doméstico; o tédio o persegue e logo abandona o trabalho. Como telefonista de uma loja de roupas femininas em Poland Street, prepara sua própria demissão escrevendo uma carta anônima dirigida ao dono do estabelecimento e vai embora.

Na primavera seguinte, Francis chega a Berlin, mais precisamente em Weimar. Suas alquimias interiores e artísticas reacendem-se e acentuam-se ao assistir o filme *Metrópolis*, de Fritz Lang. Já em Paris, admira o quadro *O massacre dos inocentes* de Poussin e algo o atravessa, uma boca, outro grito lhe chama atenção — o da mãe que tinha seu filho arrancado dos braços brutalmente. Pintar, mais do que nunca, era uma decisão que com força também emitia sons e trazia mais frenesi em circuitos corpóreos e fantásticas fantasias de pensamento. Suas entranhas vibravam em ondas de sensações e cores ao ver as pinturas de Picasso.

As sirenes haviam silenciado em 1945. Francis surpreende com sua primeira exposição individual, com cores e tons de vermelho sangue, o que provoca repulsa em uma Europa já cansada dos confrontos sanguinários, carnes dilaceradas e corpos amputados. Francis parece querer, através de sua arte, libertar a besta do interior humano, abrindo pequenas janelas de particulares infernos.

Francis segue sua trajetória arriscando, após as primeiras aquarelas, agregando experiências de decoração, designer de móveis e fotografia e os aplica em suas produções. Em seu estúdio, surge o grito agachado sob o guarda-chuva, débil pensar, repleto de força de sensação. A fuga da pintura histórica abrindo espaços para os fluídos corpóreos, misto de sangue, bílis, urina, esperma, uma pintura da transgressão.

Arquitetura acrobática de corpos, tensão pictórica, carnes e próteses.

Figuras eclesiásticas com queixo que a carne não mais sustenta, Papa com asas de carcaça de porco, boca aberta diante do mundo, desconforto da cadeira-trono deixando às costas um pôr-do-sol que emite seus brilhos. Nervos do acaso, oscilações, corpo transformado em vibráteis contornos, deformantes forças que retorcem peles, cartilagens, ossos, vísceras, autorretrato. Criando efeitos muitas vezes de uma cabeça sem face, que deixa entrever outras mil faces, talvez, da carne que escorre do osso, molhada por uma espessa chuva de solvente universal, que se mescla com cores carnais.

Carne, vianda, carcaça, açougue existencial. Evacuações, o furo, o devir do corpo, acasalamentos em vermelhos-azuis, amarelos. Intensidades no riso, do grito, nervoso sistema, compostos de um organismo humano transmutante. Dimensões, em ondas de sensações aflorando da boca aberta, onde o grito está ou se esconde, mas se diz e escapa.

Órgãos polivalentes, olhos não fixos, enigmas do visível, interrogações sobre o mundo, virtualidades, boca-ânus, olhos-nariz, cifras do gozo. Ritmos daquilo que é a própria força, variáveis, infinitos graus de modulação, fuga para outro projeto, germe de novas sensações atravessando a carne, com ritmo próprio compondo melodias e tonalizando a vida que tenta não se afogar no caos onde se navega entre o êxtase e a angústia.

Cópulas, lutas, três, dois corpos, musicais vetores de sensação. Atletismo, coreografia de instantes intensos, eixos em variações, movimentos. Ressonâncias que incidem nos jogos ritmados de cor e luz, realce, expansão e contração. Osso, carne, sístoles e diástoles, subida e descida de mãos frenéticas que agarram trapos, poeira, tinta, pincel em estranha alquimia, para traçar contornos do vaso sanitário, do vômito, da porta, da pia, do ralo que deixa escorrer.

Saudade dilacerante de Dyer, amor tomado pela morte, que não mais pedala sua bicicleta por Londres, que se tornou ainda mais fria, sombria, triste e indigesta. Caos ateliê, inspiração de imagens, dos acasos, dos acidentes, alguns amigos e a surpresa por ainda estar vivo pela manhã. Arte como obsessão pela vida que resta em Francis, obsessão por nós mesmos e que o persegue desde o início. É preciso seguir, retirar ainda mais os véus que encobrem as existências veladas, penetrar e levantar o véu, ver a vida com a violência que tenta esconder.

Oitenta e três anos e a despedida do velho Francis, trajetória de um espírito que saiu da mesmice humana, criando, penetrando espelhos e sombras, arte de carne exposta nos meandros da pintura. Seus gritos irão ressoar e movimentar outros espíritos diante da

impossibilidade de não sermos tocados ao nos confrontarmos com suas janelas, onde se antevêem particulares infernos existenciais.

Noite nos arredores de Paris! Uma luz ilumina a janela sobre a densa neblina. No quarto do segundo andar de um pequeno sobrado, o vulto de um homem aparece. É Allan Kardec que folheia, com emoção, a primeira edição de sua obra fundamental, *L'evangile selon Le spiritisme.* O Evangelho segundo o Espiritismo, quando o sol raiar nesse abril de 1864, estará nas livrarias, nas ruas a correr mundo.

Kardec relê com vagar a sua introdução, na qual o livro traz Sócrates e Platão como precursores tanto da ideia cristã quanto da própria doutrina espírita. As duas concepções — tanto a platônica quanto a de Kardec — acreditam no dualismo corpo e alma, que se encontram juntos apenas provisoriamente. Na doutrina espírita Kardecista, assim intitulada a sua doutrina, a vida virtuosa pode ser adquirida por esforços do espírito, em sucessivas existências reencarnatórias, em que o espírito encarnado vai se despojando de seus karmas, praticando o bem, livrando-se de suas imperfeições e sombras.

Kardec coloca o livro de lado e caminha pelo quarto. De súbito, é tomado por uma energia sutil que o faz escrever psicograficamente. Prática reincidente que o acompanha há muitos anos. Passa então a redigir uma mensagem com frenesi:

Wie man wird, was man ists!

Wie man wird, was man ists! (como alguém se torna o que é) fará parte de um título de uma obra de meu amado neto. Sou Erdmuthe Krause (NIETZSCHE, 1995), avó paterna de Friedrich Nietzsche. Aproveito este canal para transmitir uma mensagem ao meu querido *der enkel unbezwinglich* (indomável neto, tradução livre).

Diga-lhe que estamos todos bem! Seu irmão Joseph está conosco e também Karl Ludwig, seu pai, que não sofre mais por "amolecimento do cérebro" e goza de plena luz.

Meu contato, querido Friedrich, se dá por minha preocupação com teu futuro. Não temas as adversidades que a vida te trará. Terás como missão ser um filósofo além de seu tempo, tuas ideias correrão mundo, terás poucos amigos e muitos inimigos.

A universidade não te fará bem para os pulmões, escreverás que: "Sou por demais ardente, incendiado por meus próprios pensamentos: perco frequentemente a respiração por causa disto. Preciso sair ao ar livre, longe de todos os gabinetes empoeirados" (NIETZSCHE, 1979). E assim farás!

Precisarás cuidar muito de tua saúde, ou terás dias de prostração prolongados, ausência de espírito e apatia. Por vezes te sentirás perdido, mas sabe que te acompanharemos em

toda tua jornada, pois te amamos.

Tua irmã Elizabeth te inveja, é ainda um espírito bruto que não aprende com as oportunidades de resolver antigos karmas. Tu dirás, e com razão, que ela é a hiena da família ou sua querida “lhama”, a mesma que intitularás de “tola presunçosa e inoportuna”, em carta dirigirá a tua querida amiga Malwinda von Meysenbug (FERRAZ, 1994).

Querido neto, te peço perdão por em vida não ter estado mais próxima, mas Deus tem seus caminhos outros, e agora me faço presente em espírito através de Allan, que abriu as portas de seu belo espírito para me receber. Não rivalizes ideias com ele, todos têm suas verdades, apenas tenta compreender a minha inquietação com relação ao teu futuro e entender que esta foi a via que consegui para fazer contato e demonstrar meu amor.

Terá muitos dias, meu filho. Quando raiar a aurora do novo século, por certo nos reencontraremos, e sentirás ressoar em teu espírito a frase profética de teu amigo Peter Gast: “Sagrado seja teu nome para todas as gerações vindouras”. E serás meu amado Friedrich!

Com carinho... *Wiedersehen!* (adeusinho)

Erdmuthe Krause

Ainda em 1864, Allan Kardec envia a mensagem psicografada dirigida a Friedrich Nietzsche para a Universidade de Bonn na Alemanha, onde Nietzsche está matriculado no curso de teologia. Os padres interditam a carta, que jamais chegou às suas mãos. Somente após sua morte, o texto aparece. Elizabeth a compra, falsifica alguns trechos, junta a biografia do irmão que passa a escrever, e posteriormente a publica.

Ouvimos e silenciamos. O leitor de espíritos é um escutador que explora a forma, o conteúdo, a expressão de uma criação. Criatura potente, venera as belas aptidões do pensar, preza as boas maneiras, que são permeadas por uma vontade forte e disciplina espiritual. Um martírio silencioso, solitário a raspar tímpanos, que provoca atravessamentos de signos sonoros, potentes, uma "[...] erosão do lado de fora [...] irrupção de uma linguagem sempre já recomeçada" (FOUCAULT, 1994, p. 523). Assim se oficinam pensamentos.

Entre a escuta e o silêncio há um "entre" repleto de vontade de potência, de vida saudável. Potência que se ilumina, reverbera, agita-se em seu labirinto existencial, com tudo o que é rico e quer dar, busca recompensar a vida, viver com intensidade suas paixões, eternizá-las e divinizá-las. Abrindo fendas, passagens, libertando a vida prisioneira, traçando linhas de fuga através de uma linguagem estrangeira que retira das sombras o insuspeitado. Confluência de heterogeneidades existenciais desequilibradas, onde a palavra e a linguagem abrem seus canteiros experimentais. Onde as diferentes potências do pensamento deixam passar fluxos, e com estes fluxos, compõe textos que são também pretexto para dizer-se.

Leio em Nietzsche que as palavras são "[...] a figuração de um estímulo nervoso em sons" (NIETZSCHE, 1987, p. 33). Os conceitos figuram na escrita e silvam como rios, são hecceidades, individuações que convergem e serpenteiam, que fazem um plano de pensamento atualizar-se em discursos expostos na escrita. Escrita de práticas não lineares, mas circulares em várias direções.

A essência desta coisa que é o conceito pode ser pensada também no lugar da subjetividade desse espírito, dessa pessoa, dessa vida. Lugar onde a vida escorre num plano de existência, um universo de referência que cria e produz paisagens existenciais. De um "[...] escrever sem o recuo dos pronto-entendimentos, das estereotipias débeis é sempre uma tarefa crítica — que não tem outro escopo que não seja o de pôr em crise a linguagem" (OLIVEIRA, 2009, p. 99), reinante por demais adocicada e clicheirosa.

Dobras possíveis no espaço-tempo, passeio ao vento entre diálogos sonoros, em um plano existencial produtor de efeitos de superfície, eventos de movimentos dinâmicos entre corpos. O bom escutador compreende que os espíritos com quem dialoga não são iguais. Cada um tem seu próprio devir, caminhos, trajetórias, cada um é um tipo singular e seus valores se criam dentro da sua perspectiva moral, sua plasticidade rizomática, rica em fluxos que compõe pensamentos de modo a realizar a multiplicidade.

No silêncio necessário e por vezes doentio, o escutador observa atentamente. E vê que sobre as cinzas deste entre — escuta e silêncio — aparentemente imóvel, porém rico em aprendizagens, que a Fênix surja das cinzas, afirmando seu caráter solar e ardente. Chamas coloridas incendiando pensamentos, pois "a vontade liberta, porque a liberdade é criadora. [...] precisas aprender só para criar!" (NIETZSCHE, 1979, p. 158).

A tentativa de criar através da escuta é também tomar para si a tarefa de curar a si mesmo. Cura no sentido de atos de ruptura que reinventam novas formas de escrita, sem tentar encaixar o espírito em um determinado padrão ou clichê identitário, e sim dar vazão às ondas de liberdade adquiridas por suas potências efetivadas e suas criações de pensamentos outros, capturados no vivível. Vida de variações, deslocamentos, do devir corajoso que impõe resistência diante do caos. Dando novo sabor à vida, construindo sentidos diante desta babel existencial, e retirar das dúvidas, desejos, imaginações e temores, algo com que possamos brincar. Ter prazer de ser minguando o adoecer. Pois como nos lembra Nietszche:

> O homem que jaz doente na cama talvez perceba que em geral está doente de seu ofício, de seus negócios ou de sua sociedade, e que por causa dessas coisas, perdeu a capacidade de reflexão sobre si mesmo; ele obtém esta sabedoria a partir do ócio a que sua doença o obriga (NIETZSCHE, 2000, p. 193).

Adentrar, assim, em um relativismo axiológico, criticar a moral vigente, suspeitar, remexer nas formas camufladas de egoísmo e hipocrisia da imposição de valores com os quais nem sempre compactuamos, propondo um "imoralismo", uma nova virtude que se exprime na vontade de potência e num modo de existência intensiva, na qual a virtude é toda a paixão que diz sim à vida e ao mundo. Um espírito com altivez, alegria e saúde. Que após seu silêncio pensante levanta-se, se move, parte em direção a outros rumos, pois que não quer mais o ócio doentio nem a tristeza dos dias. Aprendeu com a escuta de si, que passa a ser o recomeço de uma nova vida, que na linguagem diz de seus amores e rumores. Em que o bem maior é a libertação do vírus pestilento e corrosivo da culpa, imposta por uma moral ressentida e bitolada com uma única visão para interpretar todas as multiplicidades e diversidades do mundo.

> *O negócio do prazer*
>
> *Se há retrocesso no sexo pago,*
> *existe progresso no ato capital.*

Todos ganham.
O investidor que dobra, triplica de tamanho.
O moteleiro que cobra até o banho.
O michê que borra a porra da realidade.
E a concubina que vaga, vaga saudade.
Quando o negócio vai mal,
o decapitalismo corta cabeças, evitando o caos.
Quando o dano é moral,
engole a vergonha, pois é carnaval.
A consciência é arbitrária em terras voluntárias.
Vire direita, esquerda, fique no centro.
Faça chuva ou faça sol, pesque puta com anzol.
Taxas variáveis em aplicação de risco.
Overnight![18]

[18] Produção escrileitora de Marcelo P., da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica*.

Percepções insones! Sonhos com serpentes, virtuosos bailados. Ser-pensamento, o Ouroboros, a serpente simbólica que devora a própria cauda. Pensar circulovicioso, em movimentos circulares, contínuos espirituais autofecundantes, um eterno retorno, nunca ao mesmo estado. Serpente como ideia de gradualidade, interações entre os componentes da matéria que emite e absorve as partículas virtuais — átomos —, onde cada partícula subatômica executa uma dança de energia, e com ela cria.

Espírito-serpente criatura rara, quase em vias de extinção, devido à sua aversão ao senso-comum e à *doxa,* causa estranhamentos. Vive de peripécias, corpo, espírito e mundo em êxtase de ave e réptil. Seu quase banimento do mundo ocorre pelo fato de ser um espírito anômalo. Sua riqueza humana diversa não segue um modelo constantemente verificado no cotidiano. Imprevisível, contradiz o provável, surpreendendo seus convivas em diálogos instigantes sobre a vida. A serpente espiritual é uma operadora caprichosa que entre leituras e escrita — sua habilidade maior —, cria com furor suas transmutações do espírito.

Abomina a "[...] *química* das representações e sentimentos morais, religiosos e estéticos" (NIETZSCHE, 2000, p. 15), propondo uma nova pesquisa do humano. Assim, morde o que pode e que serve como o alimento de seu espírito. Muda de pele, segue rastejante para livre-pensar. Como o sol equatorial sobre as geleiras atingindo mares com ardor forte, abrangente, repleta de sentimentos de extraordinária magnitude. Busca e estuda saberes, sabores, arte, ritmos, ciclos de uma filosofia própria que investiga o espírito do mundo.

Suas vertigens espirituais possuem a ponderação apolínea, admiradora dos estados de mundo leibniziano, com suas imagens e rumores, dos oceanos, dos moinhos de água, do desfalecimento ou mesmo da embriaguez (DELEUZE, 2006). Não esquecendo, porém, que há um drama, um fundo dionisíaco retumbante sob toda filosofia de aparência apolínea.

Sedutora, se utiliza dos artifícios da palavra, usa-as com refinamento. É mestra em mudar de sibilos que variam entre a cólera e a ternura, a persuasão e a eloquência, do grito e do silêncio, da tristeza e da alegria, do orgulho, regados por altas doses de ironia. Sua escrita é um reservatório de todas as latências, coloca-a em cena, plena de sinuosidades. É temida por seus venenos e presas afiadas. Causa pânico e desconforto, mas é extremamente sensual. Quando desliza, nada mais é que a manifestação renovada da vida do espírito de todas as águas. É seu próprio Alfa e ômega.

Essa naja da fecundidade rasteja em meio às flores envenenadas das paisagens malditas com intuito de manter a regeneração do imaginário. Enroscada no seio de Cleópatra, vomita fogo no segredo trevoso onde os ciumentos guardam os tesouros. Também é a justiceira divina do Inferno de Dante. “Atena, deusa de toda a ciência verdadeira, continua a segurar na mão e sobre o peito a serpente, da qual nasceram Dionísio, Satanás e os Imperadores da China” (CHEVALIER, 1982, p. 825).

Entre eu e eu...

Cabeça-cauda
Isto sou também eu!
Contenho o contido em mim?

Serpente antropofágica
Cauda saboreada
Sofias-ofis!

Cobra-sereia
Resiste radiosa réptil
À infâmia das beatas-bestas-brancas...[19]

[19] Produção de Idalina Krause.

Que sonho foi aquele! Havia bebido em demasia na noite anterior. Saíra da escola, diretamente para o boteco da esquina. Chamava-se André, era professor de filosofia e se encontraria com Carmem, a pedagoga. No boteco, as eternas discussões sobre o que deve ser ensinado, currículo, professores, alunos e afins educacionais. A noite ia quente e as rodadas de cervejas deixavam mais leves os pensamentos e os pés doloridos dentro dos sapatos.

Papo vai, papo vem...

– Cara, que seres existem numa ilha deserta?

– E existe ilha deserta neste planeta super povoado?

– Sei lá, mas queria ir para uma, sair desta roda viva, me tornar uma mulher incomum, absolutamente criadora sem criatura. Esta mesmidade cotidiana está me matando!

– Uma ideia de mulher, então, é o teu sonho?

– Um deus, uma deusa, uma bruxa, um artista, sei lá? Um ser que pudesse criar uma vida nova, sem as malditas grades curriculares reprodutoras destes poderes torpes, das verdades eternamente professadas.

– Estás anunciando o teu naufrágio como educadora? O legal seria transpassar as grades e por dentro tentar romper, mas não há facilidade, e sim entraves mil.

– Quem sabe um naufraga-pedagoga?

– **“**Vede que amplidão ao nosso redor! Como é belo, no meio da abundância, olhar para longe, para os mares longínquos!” (NIETZSCHE, 1979).

– Que lindo! De quem é?

– De Nietzsche, é claro, meu companheiro de jornada, se ainda não morri é porque me fortaleci. Até rimou! Saudades dos tempos que pesquisava em que escrevia. Esta cidade me sufoca demais, não escrever é meu martírio...

– É o álcool na corrente sanguínea! Vamos baixar mais uma?

– Por certo! Vê mais uma gelada aqui, Carlão!

Carlão era um ser diminuto em tamanho, não chegava a ser um anão, mas não media mais de um metro e trinta. Sua personalidade era variável como a dos sete anões. Dependendo do tempo em que se ficasse no bar, era possível observar essas variações, todas em uma única tarde. Em períodos de calmaria apaixonada — fruto de suas paqueras —, a coisa estabilizava, mantendo-se por dias com um ar de canastrão faceiro, mas seu coração era de uma branca de neve. Ficava lá no canto sombrio a tudo observar, sentado no banco de madeira alto, onde impunha por sobre o balcão poeirento sua figura enigmática, e seus olhos de lince fitavam a todos dentro do bar.

– Voltemos à ilha. Eu estava gostando da ideia...

– Já pensou? Uma temporada numa ilha deserta...

– E tu aguentarias?

– Um lugar sem privilégio de saberes. Entende? De respeito à subjetividade de liberdade de espírito... Eu ando sem pique também, os livros se acumulam pela casa, mas o cansaço é tamanho que começo a ler e caio no sono!

Carlão gentilmente coloca sobre a mesa uma porção de batatas gordurentas, muito sal e ainda salpicada de queijo ralado em tom amarelo escuro, pingados aqui e ali de mostarda e ketchup, cravadas de palitos em abundância.

– O Carlão se puxou, estas batatas parecem uma instalação!

– Neste muro de lamentações filo-pedagógicas caótico. Tá valendo...

– Onde a gente parou? Fala mais sobre a imagética ilha...

E seguiram pós-batatas e mais rodadas de cerveja gelada. Por volta das 3 horas da madrugada, apenas Carlão passava o pano no balcão com um cigarro no canto esquerdo da boca, como de costume, pois o cigarro ficava encaixado como em um cinzeiro na falha dentária daquele lado da boca. Seu charme estilo cinematográfico de Casa Blanca, como costumava dizer... Foi quando André e Carmem se despediram.

Carmem chegou em casa totalmente tonta, tomou um banho, um dorflex para a dor de cabeça latejante que estava a estourar seus miolos, se atirou no sofá da sala e por ali ficou nua, olhando a noite lá fora, que podia ser vista pela cortina grená entreaberta.

Deu um tempo ali, depois ligou o abajur. Da pequena mesa de madeira, retira um livro surrado pelo manuseio. Sim, Carmem guardava um segredo que era só seu, somente seu.

Abriu o livro, marcado com uma fita de cetim azul, página 135 de *Ovelhas Negras*, do Caio Fernando de Abreu. Leu com vagar o que se tornara para ela um mantra:

“Meu Deus, não sou muito forte, não tenho muito além de uma certa fé — não sei se em mim, se numa coisa que chamaria de justiça-cósmica ou a-coerência-final-de-todas-as coisas. Preciso agora de tua mão sobre minha cabeça. Que eu não perca a capacidade de amar, de ver, de sentir. Que eu continue alerta. Que se necessário, eu possa ter novamente o impulso do voo no momento exato. Que eu não me perca, que eu não me fira, que não me firam, que eu não fira ninguém. Livra-me dos poços e dos becos de mim, Senhor. Que meus olhos saibam continuar se alargando sempre”.

Guardou novamente o livro e foi se deitar.

André deixou os sapatos no corredor, o mundo girava. Adentrou o apartamento e foi direto ao banheiro, vomitou um pouco de sua alma e uma nova instalação de batatas e cerveja se fez no piso azul do banheiro. Após um copo grande de sal de frutas e duas aspirinas, se atirou vestido na cama. E sonhou um sonho vívido.

Atirava-se nu da ponte da entrada da cidade e acordou em uma ilha. Era um náufrago, havia nadado no que pareceu serem dias ao mar... O primeiro pensamento foi um trecho de Zaratustra de Nietzsche, que o aturdido náufrago-professor teve ao despertar na ilha deserta. **"**Vede que amplidão ao nosso redor! Como é belo, no meio da abundância, olhar para longe, para os mares longínquos!". O trecho lhe soava familiar.

Ainda de joelhos, lavado pelo mar, arriscou passos trôpegos em direção à praia. Um pouco de terra firme lhe faria bem, após dias de molho em meio às ondas. À medida que caminhava, observava seus pés descalços. Havia se despido quando se atirou da ponte. Sim, seu eu tinha vacilado diante da estranheza da vida, sua antinatureza gritou mais alto, agonia e pavor tomaram suas vísceras, e nesse torpor, arriscou o salto nu.

Na ilha, recostou-se em uma pedra na sombra de um arbusto. Sua pele ardia e suas costas sentiam o calor da pedra energizada pelo sol. Olhou ao redor. A ilha parecia inabitada, estava separado do mundo. Mergulhara em sua escuridão, foi ao fundo, e num duplo movimento como os que fazem surgir ilhas, separou-se do continente e teve uma nova origem. Vindo de baixo, eclodiu. Ele era também uma ilha humana, naufragado nômade da existência.

Agora esse era o seu mundo, ele era criador e criatura. Uma liberdade aliviava suas dores, e a morte amarga que tentara fizera parir nele mesmo um novo espírito que se transfigurava em nova alegria. Passava sua língua pelos lábios, e apesar do sal e da forte maresia trazida pelo vento, sentia no fundo de sua garganta um doce sabor de vida nova.

Sentia-se um múltiplo; um afloramento de "eus" fazia bater forte seu coração aberto a novos quereres. Não se sentia só, mas habitado por devires outros: ser um feiticeiro, com vestes de lobo, caninos reluzentes, lua cheia a iluminar sua matilha. Entre febres orvalhadas pelo sereno da noite, balbuciava frases marulhadas à beira do mar.

Com o sol a pino, bebeu da água que vertia entre as pedras escondidas no mato verdejante. Despido de certezas, passou a explorar a vastidão. Pegou um seixo e escreveu na areia o que surgia desejoso:

Nau conduzida em sonhos
mares, marés, maresias
sal nos lábios

palpitações
verde beira
calcária casca
ovo do mar
Circe espreita
círculo mitológico
Sexta-feira corre
olhar antropofágico
recomeço ou danação
transmutação[20]

Tudo se tornara claro como as luzes faiscantes dos raios... Era essa a sua busca escrever, produzir, falar sobre esta vida que escorre sem parar, sem posses vis, moral ou grandes fortunas capitais. Diferente de Robinson, não queria a docilidade de Sexta-feira. Já sabia diferenciar a dócil escravidão almejadora do lucro a qualquer preço do capitalismo. Se um Sexta-feira surgisse, tomaria cuidado para não ser devorado. Não queria edificar e colonizar como o homem branco europeu do romance de Daniel Defoe e seu personagem *Robinson Crusoé.* Queria inventar, vivificar as mitologias, deixar flanar sua imaginação, tornar-se o lobo-escritor que sempre quisera ser.

Vinham lampejos imaginários em seu espírito, riscando pensamentos. Queria distância, era certo, também de *Suzana e o Pacífico*, de Jean Giraudoux. Buscava um amor intenso, longe das cidades, vitrines e magazines. Sua vida também tornara-se insípida como a dela, até chegar à ilha. A sociedade mercantil de vendas, compras, troca de presentes, ao estilo parisiense, os mimos paroquiais não traziam alegrias, e sim uma tristeza que tentava com intensidade sepultar.

André acordou no sábado pela manhã de ressaca. Precisava de um café forte, tomar uma ducha, se vestir e ir para a escola. Enquanto se encaminhava, pensava num arquipélago, pois na ilha que visitava em sonhos era possível enxergar ao longe mais duas...

Tomado ainda de um entorpecimento onírico, misturado a uma consciência esplendorosa, adentra a escola. E assim começou a aula, e seus caninos reluziam: o arquipélago das ilhas TiLifudE se compõe de três ilhas no mar da natureza humana. Formam geograficamente um triângulo. Os que chegam vindo do sul do continente observam mais ao norte TiL, a leste Ude, a oeste Lif. No centro de um labirinto de corais, conta a lenda que estas ilhas sofrem metamorfoses, movimentos e giros. Em noites de tempestade, a viração agita o oceano. Nessas ocasiões, é inútil o uso de bússolas e radares, sendo aconselhado aos náufragos ficarem ao sabor das marés.

[20] Produção de Idalina Krause.

Contam os nativos mais velhos das ilhas que os escolhidos são na maioria alunos e professores que lá chegam. E os indesejados, que se tornaram acéfalos pelo não uso de seus espíritos potentes, simplesmente desaparecem misteriosamente nessas águas do oceano de *Scurrere*[21]. Em tempos de calmaria, os nativos juntam flores, jogam ao mar, cantam em forma de hinos diálogos.

E leu para aos seus alunos trechos do livro I, Da Natureza de Tito Lucrécio Caro, tentando conexão com a deusa Vênus:

> Ó mãe dos Enéadas, prazer dos homens e dos deuses, ó Vênus criadora, que por sob os astros errantes povoas o navegado mar e as terras férteis em searas, por teu intermédio se concebe todo o gênero de seres vivos e, nascendo, contempla a luz do sol: por isso de ti fogem os ventos, ó deusa; de ti, mal tu chegas, se afastam as nuvens do céu; e a ti oferece a terra diligente as suaves flores, para ti sorriem os plainos do mar e o céu em paz resplandece inundado de luz (EPICURO; LUCRÉCIO; CÍCERO; SÊNECA; MARCO AURÉLIO, 1985, p. 82).

Enquanto passou a seus alunos uma atividade escrileitora mesclando filosofia, literatura e educação — o que há muito tempo não arriscava —, sentiu uma alegria nova. Seu corpo, apesar da ainda ressaca, era outro, havia derretido algumas grades e arriscava novos percursos pedagógicos farejantes. Não sabia precisar se era um deus, um bruxo, um artista, mas tinha o poder das ilhas — força para emergir cortando o caos e intensidade para se afastar do que não lhe dava paixão pela vida.

Sua imaginação flanava. Começou a escrever, enquanto os alunos trabalhavam, imaginando-se um lobo-professor que encontraria Circe pelo caminho na ilha que tão fabulosamente seu lado onírico havia lhe presenteado.

Interrompeu de súbito a escrita, pensou em Carmem. Precisava ligar para ela após a aula e contar tudo o que havia acontecido. E quem sabe, mais umas batatas fritas e cervejas no Carlão. Não, batata tipo instalação, só daqui a alguns dias. Um bife mal passado lhe recomporia as forças, por certo!

[21] Do ponto de vista etimológico, o termo currículo vem da palavra latina Scurrere, correr, e refere-se a curso, à carreira, a um percurso que deve ser realizado.

Regressemos... O movimento experimental para ministrar *Oficinas Espiritográficas de co-criação dialógica* partiu da seguinte perspectiva: propor movimentos de escrita e leitura, exercícios geradores de uma produção de escritura desejante, dentro do Projeto *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*[22]. Para fazer brotar composições insanas, amorosamente insanas de diálogos experimentais para o povo inscrito.

Abalos sísmicos entre espírito das inquietações, estudo, pesquisa, leitura, associados para elaboração dos procedimentos, saindo da clausura disciplinar "tu deves" e "faça como eu" para uma escrita e uma leitura, fluída, rica em exercícios espiritográficos, geradores de novas forças de pensamento, um encontro dramático de escrileitores. Confluência de experimentos com furtos deliberados, inovando trajetórias espirituais. Atacar com fome o bolo caótico da existência, possibilitando aos partícipes uma autoeducação dialógica.

→Devir-encontro refere-se a um pensamento que espreita a ação de "ver a vida e o homem tais como são" (TCHEKHOV, 2007), atos de um escrileitor que observa a vida. Navegando num trânsito que passa pelo trágico, não esquecendo o ordinário e o cotidiano. Arte-louca de ativação de problemas que em sua travessia vai abrindo passagens contaminantes, onde: pensa-se, cria-se.

→Problema ativado ― Um diálogo o que é, para que serve? ―, propondo aos participantes um exercício de pensamento para explorar a forma "diálogo", seu conteúdo e expressão, através de textos literários que tratem do tema. Estar à espreita de onde os diálogos traçam um devir de escuta, e com ela, preparar novas forças que transbordam nova escrita. Ir além das ideias platônicas que primam pelo o que é...? dialético.

→Dramatizar o conceito "diálogo", acionando experiências dispostas a deformar os antigos diálogos apolíneos. Abrindo novas coordenadas de pensamento aberto à multiplicidade do devir, levantando novas questões: "quem? como? quanto? onde e quando? em que caso? ― formas essas que traçam verdadeiras coordenadas espaço-temporais" (DELEUZE, 2006). Dando vazão à paixão intensa, com força de

[22] Grupo de pesquisa coordenado pela Professora Doutora Sandra Corazza, do Programa Observatório da Educação CAPES/INEP, onde faço parte como bolsista. Dentro das ações do projeto foram oferecidas *Oficinas de Transcriações no cotidiano*, entre 07 de junho a 25 de agosto de 2011. Com cinco oficinas de oito horas aula, ministradas na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, perfazendo quarenta horas aula no total, tendo em média vinte inscritos em áreas de atuação diversa. Apresentei a oficina ― *Espiritografias de co-criação dialógica* ― em ressonância com a proposta de dissertação: Alfabeto espiritográfico em educação.

pensamento, co-criação sem limites, conversações, encontros de fabulação criativa, que faça correr nas veias o sangue dionisíaco. Devir-encontro em que “a escritura tem por único fim a vida, através das combinações que ela faz” (DELEUZE; PARNET, 1998).

→Espiritografia em ação, entre espíritos operadores, cuja vontade atrevida vislumbre nova luta que se sobreponha à moral vigente dos clichês dialógicos. Promovendo atos cirúrgicos com ardor exuberante antirrepresentação. E assim, extirpe, suture, promova saúde, acionando corpos que vislumbrem experiências novas, que tragam a loucura de criar, força de resistir, prazer em provocar num movimento exploratório, intenso, diante da vida que escorre.

Um espírito operador que transforma para si tudo o que existe. Como Monsieur Teste de Valéry operava o que lhe era proposto “[...] manipulando e mesclando, fazendo variar [...] podendo cortar e desviar, esclarecer, congelar isto, aquecer aquilo, afogar, realizar, nomear o que não tem nome, esquecer o que queria, adormecer ou colorir isso ou aquilo...” (VALÉRY, 1997).

Ciente de que pensar é trabalhar sobre planos, planos filosóficos, em que “O cérebro é o espírito mesmo” (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Cabendo à filosofia observar, investigar, deslocar, realocar, mudar, renovar, estabelecer novas relações diante de conceitos dialógicos estabelecidos, para que novo ar penetre sobre este plano e que proponha uma nova dança aos personagens conceituais que não param de criar-se. Assim, ocorre a tentativa de novas formas de composição de diálogos ao modo de Valéry – Deleuze**.**

Com Deleuze explorando ― *O método de dramatização* (DELEUZE, 2006, p. 112) ―, vislumbrar possibilidades de mergulhos dentro do tema diálogos, possibilitando novas experiências que consideram o distanciamento do “É”, pronto e conformista. E movimentar com energia e força as funções de um espírito que busca efetivações múltiplas, intensas na vida, deixar escorrer ideias, dar vazão, naufragar, e mesmo com pouco ar, dizer-se através dos diálogos em composição. Com alegria entre fluxos de signos, afirmar subjetivações de cabeças pensantes que devoram palavras, alimentos de que precisam para sobreviver. E com Valéry, pensar de forma lúcida e criar personagens que pensam o próprio pensamento, afirmando o espírito que opera e escreve com prazer, em que “O instante engendra a forma e a forma faz ver o instante” (VALÉRY, 1996, p. 60).

Visitar seus diálogos, que tomam os personagens da filosofia grega para discutir estados de poesia do espírito, distanciando o pensamento dos delírios metafísicos

impostos nos diálogos platônicos, e abrir possibilidades para, na forma diálogos, discutir arte e dança, como no belo texto *A Alma e a Dança* (VALÉRY, 1996). E também fugir do vazio espiritual, imposto pela consciência não operativa, observada no diálogo *Colóquio Dentro de Um Ser* (VALÉRY, 1996). E tentar construir diálogos prazerosos, em que a consciência do espírito se afirme em estados poéticos de composição diante da vida. Produções de modos de vida, um ato de arte, de diálogo de núpcias ou divórcios, pois "Não há nada, absolutamente nada que [...] esteja definitivamente formado" (TADEU, 2004).

→Ziguezague-ar adentrando textos para possibilitar aventuras de desbravar as lonjuras do pensamento, revelando ocultos seres que aparecem após curtos circuitos de pensamento para abrir espaços para o inédito, possibilitar capturas após leituras, exibição de trechos de filmes, apresentação de trabalhos de pesquisa relacionados ao tema diálogos. Diálogos espiritográficos possíveis, movimentos entre corpos, ações que efetivam potências, que buscam um eterno retorno — não ao idêntico, mas uma potência vivificante, sempre nova, na qual as identidades são abolidas, dissolvidas em novas experimentações de espírito.

Sirva-se! Disse a cada um dos inscritos das oficinas. Pensando com Laing (1989), a experiência não existe sem o experimentador, e o experimentador não existe sem experiência. O cardápio oferecido aos convivas trazia formas múltiplas de diálogos de Rigveda[23] e de XiangSheng[24] vindos do Oriente, passando por Sócrates e Platão — figuras consideradas pontuais do diálogo Ocidental. Realizamos leituras conjuntas de trechos de diálogos eróticos extraídos de *A mulher/os rapazes: História da sexualidade (História da sexualidade v. 3)*, de Michel Foucault. Falamos de Paul Valéry e sua reinvenção do gênero diálogo filosófico, em que o diálogo vivifica o corpo e torna-se criação, como uma operação do espírito, um mecanismo do pensamento.

Quadrinhos de Will Eisner[25] e de Quino[26] foram utilizados nos exercícios práticos dialógicos, além de *O estrangeiro* de Charles Baudelaire; trechos de um diálogo de Clarice Lispector do livro *Uma aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*; *A virtude da própria alma* de Platão; e *Colóquio dentro de um ser* de Paul Valéry. De Samuel Beckett: *Malone Morre* e *Esperando Godot*, além de Gilles Deleuze com o texto *Sobre o teatro: Um manifesto de menos*; *O Esgotado.*

Alimentos para os espíritos em oficina, que se deliciaram com outros espíritos para promover uma nova potência aberta à multiplicidade, à intensidade das paixões, a um pensar com renovação que insira na vida cotidiana novos dinamismos, espantando a preguiça dos corpos, para arriscar novos voos, com força de pensamento, corrente energética, vazantes, devir sem lei, metamorfose existencial.

A oficina tratava de promover ventos de viração no exercício da escritura. Operação tempestade no diálogo, fez pensar, artistar, operar com loucura alegre. A festa aconteceu em ações escrileitoras inquietantes como: musicalizar, colorir, reposicionar, fluxionar, fabricar, brincar, aventar, desconfiar, escrever, romper, analisar, desejar, seguir. Separando-se por vezes do mundo num atordoamento operatório, espíritos que encaram ventos de viração que abrem passagens, aberturas de êxtase embriagado pelas tensões paradoxais de uma produção escrita de diálogos deformantes. Pois que

---

[23] Disponível em: <http://www.worldlingo.com/ma/enwiki/pt/Rigveda>.

[24] Disponível em: <http://www.chinaculture.org/gb/en_madeinchina/2005-12/08/content_76885.htm>.

[25] EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencia (original):** a compreensão e a prática da forma de arte mais popular do mundo. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 15. Disponível em: <http://2ab02.ezcdn.com.br/files/_fotos/grande/249FG2.JPG>. Acesso em: 02 ago. 2011.

[26] QUINO. **Potentes, Prepotentes e Impotentes.** Edição especial. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em: <http://www.historiaequadrinhos.com.br/2010/09/quino-potentes-prepotentes-e-impotentes.html>. Acesso em: 02 ago. 2011.

> [...] necessitamos de toda a arte petulante, flutuante, dançante, trocista, infantil e contente para não perder essa liberdade que nos coloca acima das coisas e que o nosso ideal exige de nós. [...] é preciso que possamos nos sobrepor à moral e não somente que a inquieta rigidez que receia a cada instante dar um passo em falso e cair, mas com a vontade de alguém que pode planar e brincar sobre ela. Como (pois) poderíamos nesse campo dispensar a arte e o louco? (NIETZSCHE, 1981).

Exercitar o pensar desencadeou práticas de composições de signos em proliferação, misturas de saberes filosóficos, literários, pedagógicos, que aos poucos foram sendo transmutados e traduzidos como processo de criação textual. Fluxos espiritográficos em busca do raro, do detalhe, do desejo. Escrileitura vista e vivida como prática operativa que lida com procedimentos, preparação, invenção, manipulando os elementos de escritura, poções de textos que produzem efeitos na natureza humana que tenta criar o novo através de circuitos de pensamento, pois "tudo o que não invento é falso"[27]. Assim ocorreram os encontros espiritográficos, e o que foi gerado, produzido textualmente, serve como ilustração nos entremeios deste trabalho. Estão pintalgados em suas intensidades sobre esta escritura, emitindo seus sons.

Baudelaire (O Estrangeiro) conversa com Lispector (Uma aprendizagem ou O Livro dos Prazeres)

B: Quem é que mais amas?

L: A madrugada, que se abre vacilante, criando uma atmosfera de milagres.

B: Tens amigos, pai, mãe, irmãos?

L: Não, meu amor! Porque não acredito nem em Deus, e não queira humanizar-me.

B: Tens Pátria?

L: Porque não me acredito humano, entendo que não.

B: O que amas, então?

L: Eu não amo, logo penso! [28]

[27] CORAZZA; TADEU, 2003, p. 104.

[28] Produção escrileitora de Giane F. da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica*.

Tensão. “Tenho, subitamente, o sentimento de um silêncio e de um espírito nos pelos da nuca” (VALÉRY, 2009, p. 73). Pequenos rumores do desespero deste espírito que sou eu, mas que diferentemente de Kierkegaard, não busca somente a interioridade. Em sua obra *Desespero a doença mortal*, verificamos que a doença do espírito pode se apresentar de três formas, sendo o desespero a própria doença mortal. As formas apresentadas são: “o desesperado inconsciente de ter um eu — o verdadeiro desespero —; o desesperado que não quer; e o desesperado que quer ser ele próprio” (KIERKEGAARD, s/d, p. 11).

O silêncio que encontramos em um processo espiritográfico por vezes é desesperador, e separo aqui a palavra des-esperador. Há momentos, sim, de esperas de um processar de pensamentos. *Humano demasiado humano*, nos dirá Nietzsche no prólogo 2; então invocamos os espíritos livres para que nos façam companhia para que neste instante mais pausado, porém febril, “[...] possamos manter a alma alegre em meio a muitos males” (NIETZSCHE, 2000).

E nos pelos da nuca, onde os arrepios passam a percorrer todo o corpo, sabemos que estamos em companhia de “valentes confrades fantasmas” com quem é possível prosear e rir, se for nossa vontade. E mandamos para o inferno, na medida em que nos entendiam, pois se nos entediam não são verdadeiros parceiros para esta jornada de vida.

O tédio aqui não tem lugar — seria este o verdadeiro desespero. O silêncio pode ser o aviso de que os amigos que faltam são verdadeiros espíritos livres que se avizinham, aparecem gradualmente, lentamente; se não em carne e osso, em forma de espectros e sombras — um eremita, diria Nietzsche —, e com ele, sou a última a duvidar de suas existências, as sinto e se escuto suas vozes, apresso as suas vindas e abro caminhos para que se manifestem.

Importam as relações com este fantasmático de fora, não se tem como meta mergulhar nas transparências de um poder salvador, como em Kierkegaard. O desespero da duração dos instantes compartilhados é o que vivifica o espírito. O Lázaro acordado, e este é o desespero dos dias, entre vida e morte, espírito que tem a vida ressuscita em cada gesto de cada aurora, mesmo que nos habite nesta trajetória de escritura, a doença, a solidão, o exílio, a acédia, a inatividade momentânea. A criança brinca no adulto e o adulto na criança, pois que ambos os estados não se negam, mas se fortalecem, pois têm o querer de ver o mundo.

Encontro no poema de Álvaro de Campos, *Passagem das horas*, o seguinte trecho:

> Ó tarde, que reminiscências!
> Ontem ainda, criança que se debruçava no poço,
> Eu via com alegria meu rosto para lá da água longínqua.
> Hoje, homem, vejo meu rosto na água funda do mundo,
> Mas se rio é só por que fui outrora
> A criança que viu com alegria seu rosto no fundo do poço
> (PESSOA, 2012, p. 167).

Embora, muitas vezes, tremam — criança e adulto — diante do horror da vida, que muitos arrastam no ressentimento e na adulação de um ídolo de pés de barro. O pé é carne; o ídolo, o espírito, e o que se pode cultivar nas andanças de mundo. Que nossa vontade seja bálsamo e veneno! Preferir o encontro dos devires, em que "[...] a escritura tem por único fim a vida, através das combinações que ela faz" (DELEUZE; PARNET, 1998).

E *Assim falava Zaratustra*, mais especificamente no discurso *das três transformações*, no qual se verifica as transformações do espírito humano em três momentos: o camelo, o leão, a criança. Uma viagem pelos meandros de um espírito que se faz afirmativamente, em busca de ser um espírito livre *par excellence*, após ter corrido como camelo nos desertos, transmutando-se em leão para ser dono do seu próprio deserto, e assim, "criar uma liberdade para a nova criação" (NIETZSCHE, 1979, p. 20). O leão que ruge em desespero, mas sabe que é preciso ir adiante, pois almeja "[...] um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação" assim o espírito criança cria seu mundo (NIETZSCHE, 1979, p. 21).

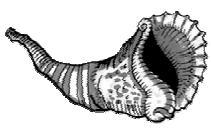
Criança-filósofa, de vontade liberta, enviada pela natureza "[...] à humanidade como uma flecha; ela não visa, mas espera que a flecha ficará cravada em algum lugar" (SCHOPENHAUER apud DELEUZE). Vida que observa vidas, como na música de Adriana Calcanhoto, olhos voltados ao grande "cinema sem tela que passa pela cidade", sua realidade circundante onde gravará suas flechas na medida de suas forças e de sua liberdade.

Eu, comigo

I) O que nos liga, desliga?? DIGA !!
Teu olhar, meu olhar, divergência
Teu concreto, meu dentro.

II) *Vai! Leva de mim.*

III) *Fico, sombra de ti,*
Mas tudo em mim.[29]



[29] Produção escrileitora de Tânia M., da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica*.

Uma tarde escaldante. Mergulho meu corpo na água fresca esperando o anoitecer. O horizonte avisa, pelo frenesi das nuvens, que a chuva vem a galope. Releio em Valéry: “Há magia em todas as circunstâncias em que as coisas criam espírito” (VALÉRY, 2009, p. 73). Com ele escrevo:

Porque a magia que me foi passada era da construção de uma identidade inercial, mansa e serena, onde devia depositar meu espírito.

Passei a desconfiar e a encarar a noite escura, enquanto todos dormiam embalados pelo bom-senso. Meu espírito precisava confirmar minhas suspeitas, de que a vida continha coisas a mais.

Encarar a viração era a minha aventura solitária e minha rebelião. O temporal se avizinhava com suas rajadas de ventos, raios, trovões coloriam as gotículas luminosas da chuva no breu da noite.

Captar as exterioridades desses instantes fugidios, por certo, fez desacomodar meu espírito, trazendo novas magias. Viver e pensar desde então tem sido abrir novas fissuras em meu espírito “depositário”.

As auroras, porém, passaram a trazer sopros, e pelas fendas abertas do que suspeito ser eu: respiro viração.

Vertigens espirituais... O livro que leio torna-se ilegível. Hora de pedir mais um instante de lucidez a Cronos, o senhor carrasco. Assim, “[...] sobre estas linhas às quais meus olhos se apegam sem esperança, aguardo o choque” (VALÉRY, 2009, p. 73).

Válvulas do espírito-cérebro bombeiam o vermelho sangue recoberto pela fina película pele, a superfície onde se inscrevem os dias, as horas, o tempo... Afecções e percepções captoras buscam sequestrar o ainda não visto. Miríades espirituais, falibidade do vivível, que retiram das entranhas forças, a energia necessária, uma musicalidade para soldar textos, às curvas do nomadismo do pensamento, para grafar novos trajetos do pensar.

Retirar a algemas da imaginação. Que as vertigens da loucura sejam bem-vindas e companheiras neste nomadismo espiritual. Então, personagens nos habitam e queremos espiritografá-los. Há, com certeza, uma *Educação Sentimental* exaustiva por entre canteiros experimentais de infinitos Eus outros. Que abrem caminhos de acesso para que uma Madame Bovary surja. Digo — lembrando e aludindo a Gustav Flaubert: Madame Bovary sou eu!

Nesse percurso, como diz Hermann Hesse, é necessário conhecer o jardim humano, pois não há somente “joio” e “trigo”. É de se lamentar os que assim pensam! No jardim há uma infinidade de espécies árvores, com variedades de flores, espécies de frutas, vários gêneros de ervas e toda uma botânica ao seu redor. Então, é preciso que olhemos e diferenciemos o múltiplo do jardim com cuidado para não incorrermos no erro de arrancar “as flores mais encantadoras, cortar as árvores mais nobres” (HESSE, 1955), odiá-las e olhá-las com maus olhos.

Um jardim é uma infinidade de possíveis, assim como a escrita. Educar os sentidos e entrar em cena adentrando o jardim desconhecido, mastigar e ruminar pensamentos, mesmo que por vezes nos sintamos como o Lobo da Estepe: “Aquele animal extraviado que não encontra abrigo, nem alegria nem alimento, num mundo que lhe é estranho e incompreensível” (HESSE, 1955, p. 34).

As produções retiradas dos canteiros experimentais imprimem em nossa pele e nosso espírito um mapa que possibilita novas vertigens de delírios potentes de durações variadas, em que se derramam oceanos, espiritografias em águas de azuis e verdes inesgotáveis, onde o próximo instante é uma incógnita. Dessas águas pode surgir o monstro de nariz achatado de Virginia Woolf: “Baldeando água pela boca e pelas ventas, ele mergulha pesado de água e o azul se fecha sobre ele revelando por

hidroscopia os polidos pedregulhos que são seus olhos" (WOOLF, 1992, p. 136). E com ela seguimos entre fluxos, operações de saberes, entre bocas e ventas, diante da vida que experimenta sabores doces e amargos.

Leitura desejosa que ressoa onde o escrever diz da paixão. Paixão como em Hume (1999), mescla de fantasia e ficção do espírito, não mais o sopro, mas a percussão, golpes, vibração gradual, cores, sons, jogo prazeroso de infinita imaginação. Fazer uma diferente composição, não replicar, colorir, como *O grito* de Francis Bacon, violência de sensações, o corpo escapa pela boca. E os choques chegam, vêm ritmados pelo do carrasco, com suas imagens e vozes, e "[...] os pensamentos aparecem assim em meio a circunstâncias que não lhe são nada convenientes e nas quais eles não são nada esperados" (VALÉRY, 2009, p. 77), mas nos enchem de esperança!

Então: "Melhor aceitar a explicação mais simples, mesmo que não seja simples, mesmo que não explique muita coisa. Não precisa luz forte, uma luzinha basta para a gente viver na estranhidão, basta que seja uma luzinha fiel" (BECKETT, 1986, p. 10).

O livro da imagem imaginada

> *Este livro lança possibilidades de pensar o visível, o não visível e o imaginado entre os dois. Apresenta espaços para imaginação imaginada, podendo constituir uma imagem. A imagem como "imã" que gruda, cola, instala, estabelece, para assim, pensar em (des)imaginar ou tornar a imagem viagem da imaginação.*[30]

[30] Produção escrileitora de Wagner F., da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica*.

Weltanschauung[31]! Janelas se iluminam, há novos lumes nos céus. Luzes do Renascimento! Espíritos se movem na literatura, na arte, na filosofia. A "bota" italiana dá o impulso inicial e a passos largos invade outros países da Europa. O conceito "Re-nascimento tem cunho religioso, segundo nascimento do homem novo ou espiritual, professado no Evangelho de São João e nas *Epístolas* Paulinas" (ABBAGNANO, 1998). Durante o medievo, tanto o conceito quanto a palavra aludem ao retorno do homem a Deus, longe da vida perdida com a queda de Adão.

Há também uma volta ao humanismo mais perfeito — o da Antiguidade clássica —, ao platonismo com inspiração religiosa, à renovação das concepções políticas. E também um novo interesse investigativo da natureza ao modo aristotélico, da magia ou metafísica da natureza inspirada em Giordano Bruno e Campanella, primeiras descobertas da ciência moderna.

E a educação, como se insere nessas variáveis espirituais, como ocorre essa prática educativa? As práticas educacionais na Antiguidade clássica — ou a pedagogia — não eram reconhecidas como ciência autônoma; eram consideradas partes da ética ou da política, uma visão filosófica. Os meios pedagógicos só eram estudados com relação à primeira educação, na infância, na qual o que importava era a aquisição de conhecimentos elementares, tais como: ler, escrever, contar. Práticas empíricas de preparação da criança para a vida (ABBAGNANO, 1998).

No século XVII, com a *Didática Magna* de Jan Amós Comenius, há a elaboração de um sistema pedagógico completo. Tal pedagogia, porém, significa uma forma de controle dos infantes, impondo valores morais de matriz cristã e "das narrativas salvacionistas que acreditam num futuro melhor" (NICOLAY, 2011, p. 11).

Sendo assim, o conceito espírito é sinônimo de "Alma". Tanto na Antiguidade, no Medievo, quanto na Renascença, é visto até então como algo dependente da natureza e da ordem cósmica, substância intelectual energética e incorpórea que sobrevive à morte do corpo. Na Modernidade, com Montaigne e Descartes, segue a ideia de energia ingressando no senso comum, como espírito de uma nação de um povo.

Em Kant, o espírito é utilizado na teoria estética, espírito como vivificante do sentimento que também vivifica a alma de quem se serve, sendo o que confere impulso ao sentimento. A palavra espírito permanece, assim, no uso corrente. Às vezes se contrapõe à "letra" para indicar o que vivifica, dando significado autêntico de alguma

[31] Intuição do mundo, "visão do mundo" (ABBAGNANO, 1998).

coisa. Na obra de Montesquieu *O Espírito das Leis*, por exemplo, é empregado nesse sentido (ABBAGNANO, 1998). Em Spinoza, o espírito voltado à ética resolve-se no "[...] *amor intellectualis Dei*, no conhecimento da substância divina que se tem quando se alcança o triunfo da razão e o domínio das paixões" (MONDIN, 1980).

No Idealismo Alemão, já presente no sistema kantiano, o espírito em atividade não se propõe a outro fim além daquele de realizar plenamente a si mesmo. Com Hegel, seu discípulo, a alma é entendida como espírito infinito, intelecto baseado na lógica dialética. Para Schopenhauer, como vontade de viver; os indivíduos nada mais são do que a objetivação da vontade.

Na psicanálise, encontramos o inconsciente de Freud. Segundo ele, a psique compõe-se de três estratos: um substrato que se chama *id* ou inconsciente, que tem como objetivo o prazer; um plano intermediário representado pelo eu ou *ego*; e um plano superior, um super eu ou *superego*, que representa as lei morais e as sanções ditadas pelas normas sociais e ideias religiosas do meio. O instinto predominante é a *libido* — instinto sexual — que encontra na atividade onírica uma espécie de compromisso (MONDIN, 1980).

Já Carl Gustav Jung se distancia de Freud por divergências de ideias para seguir voo solo, e vai se dedicar ao "arquétipo-espírito" (JUNG, 2011). Volta-se para a alquimia em especial, além dos movimentos culturais, analisando os espíritos criativos. Introduz interpretações revolucionárias em vários campos como medicina, psicanálise, cultura oriental, artes plásticas e literatura. É o que verificamos em sua obra *O espírito na arte e na ciência* (JUNG, 2011), onde podemos ler uma série de palestras por ele proferidas, em que trata de alguns espíritos como: Paracelso, Freud, Richard Wilhelm, *Ulisses*, Picasso. Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética. Psicologia e poesia. No meu entender, uma forma de espiritografia psicológica que dá a pensar.

O espírito aparece como vontade de potência em Nietzsche, em que o rebanho desgarrado inventa a religião em função de sua moral ressentida. E da força e do poder de explosão da vontade de potência, surge então o super-homem, que afirma sua personalidade além do bem e do mal. Propondo a transvalorização de todos os valores, para que nasçam os espíritos livres que primam pela disciplina para combater antigos hábitos, abandonar comodidades, abdicar à segurança, pois o processo de libertação é longo. Nietzsche propõe uma nova cosmologia inovadora "[...] ao instaurar o procedimento genealógico que serve como instrumento para diagnosticar os valores estabelecidos", poderosa arma de crítica e combate, tanto no seu tempo quanto na atualidade (MARTON, 1993).

Com a ascensão da burguesia, o conceito espírito adquire sentido de algo em si, de um pensar livre a autônomo, mexendo sobremaneira com as tradições e as instituições e seus esquemas imutáveis. É onde nos encontramos com Valéry, que se utiliza da palavra francesa *esprit* para aludir ao Eu. Eu como consciência de si, intelecto, como sujeito que não se assujeita, mas aspira e realiza a criação, sem divindade reguladora, sem idealismo, distante da metafísica da alma imortal.

Valéry, na primeira fase de suas obras, busca o espírito que se pensa a si mesmo, um espírito puro sem corpo sem matéria. Numa segunda fase, já na década de vinte, ocorre uma ligação entre os processos psíquicos e as atividades fisiológicas corpóreas, em que o espírito faz uma mediação entre os processos do corpo e os mentais.

Leonardo Da Vinci é o intelectual absoluto, pois mescla os dons artísticos com os científicos ― para Valéry, o verdadeiro homem universal. Lemos em sua *Introdução ao método Leonardo Da Vinci*: "Um sino que nunca foi tocado não libera o som fundamental que seria o seu" (VALÉRY, 1998, p. 116). Assim, Valéry busca escrever, a sua maneira, o possível de um Leonardo, do funcionamento do espírito universal que está além do que a história nos deixa ver, e então fazer soar os sinos de uma inteligência criadora. Que tem na precisão da escrita valéryana, como um todo, um poeta da filosofia.

Xadrez, o tabuleiro para jogos. Uma oficina escrileitora é um tabuleiro de jogos espirituais? Por certo, uma entrada para inventar saídas, um jogo. O que se coloca à disposição nas oficinas são peças de filosofia, de literatura, de educação. Potências para que os corações, que chegam com suas securas espirituais, possam ser orvalhados, afetados de várias maneiras. E o que pode um espírito nesse tabuleiro?

Movimentar-se, um espírito é um composto das relações estabelecidas entre ações de escrita e de leitura — seus limites, as afecções que sofrem ou que produzem enquanto desliza neste movimento escrileitor. São aptidões que cada espírito em oficina traz para ser afetado de várias maneiras, pois as oficinas são feitas de vida. Uma produção criadora de novos sentidos de imagens produzidas sem semelhança, um fantástico mundo; como em Clarice Lispector (1990), o mundo por um instante é exatamente o que meu coração pede.

E o que pede este coração pulsante? Que quer apreciar a literatura, a educação, a filosofia, e com este composto sonoro, capturar vozes que se aprecia e que se escuta. Não para reproduzi-las, mas para construir novas arquiteturas de escritura. Cada uma das peças desse tabuleiro enfrenta o mar caudaloso da imaginação que volteia, abrindo fendas e passagens. Possibilitando uma descontenção, para as ondas de pensamento que se espraiam e gritam diante da liberdade de criação. Varrendo subterrâneos, inundando desertos que fazem florescer das terras umedecidas novos vigores que brotam rasgando entranhas em novo encontro espiritográfico.

Assim, doze espíritos se agruparam em oficina; estes doze se debruçaram sobre tantos outros espíritos em que a vida é o próprio curso (KAZANTZÁKIS, 1997), e nela navegamos nossas naus, compartilhamos portos e enseadas, entre uma pequena multidão escolhida de espíritos. Tivemos movimentos de escuta e de silêncio observando torres, peões, rainhas, bispos, reis, cavalos marinhos.

Se não se atingiu uma meta, produzimos trajetos sobre um tabuleiro oficineiro, entre moradas de cores pretas e brancas que com o arrastar de pedras e personagens, também emite seus cinzas mesclados, usados para as paisagens que se desejava construir e tonalizar. Sem julgar o que presta ou não. Além do mais, o que obviamente não presta sempre me interessou como pesquisadora, e faço minhas as palavras de Clarice Lispector em *A legião Estrangeira*: “Gosto do modo carinhoso do inacabado, daquilo que desajeitadamente tenta um pequeno vôo e cai sem graça no chão” (LISPECTOR, 1992).

Ciente de que este é apenas um corte de um plano e que existem infinitos tabuleiros virtuais para além deste que compartilhamos. Meu imaginário de pesquisadora deu-se ao diálogo entre eus, na procura pelo grau-zero para uma abertura de inteligência dos jogos de escritura. Dramatizamos com bufaria, sem fixação de ideias, tentando criar empirias funcionais, colocando os conceitos diálogo e espiritografia em variação. E o que ignorávamos e descobrimos virou verbo que cada qual, em sua subjetividade, pode conjugar na festa oficineira. Um sopro para novos ventos.

A tua-minha- nossa alma?

> *Esta leitura faz revelar o que há no interior de cada um dos participantes da conversa. Não só isso, mas a fusão de inteligências e visões diferenciadas sobre os mais variados conflitos terrenos. O quanto cada pessoa, que vai aparecendo na cena, pode modificar o outro. Essa é a melhor parte da leitura, onde há uma interseção de personalidades, uma fusão de encontros, há aí um novo ver, um novo discutir, onde cada ideia se funde criando outra que não se havia pensado (...) Há ainda a possibilidade em cima do que já existe, pois há espaços em branco no texto para que os leitores possam se expressar, agregar modificando ou não os sentidos das escritas. Vou chamar de escritas e não de escrita, pelo fato de haver vários começos, retornos, encontros, desencontros, em uma situação temporal muito variável. O tempo todo, podendo ser início, meio e fim, quem decide é o leitor. Fascinantes esses encontros desencontrados que se passam aos olhos, emocionam e nos convidam a estar junto, a partir do movimento pensante em um tempo inexistente no real, mas perdido no irreal também. É uma junção de espaços e situações, estaria eu relatando, resenhando algo? Um caminho autor realizador dos meios? Ou os rizomas? Finalizo minha pequena análise com uma pergunta que não quer calar: onde foi que encontrei a tua-minha- nossa alma?* [32]

[32] Produção escrileitora de Caroline F., da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica.*

Yin-Yang educacional. Yin e Yang tratam originalmente da encosta sombria e da encosta ensolarada de um vale. Yin o aspecto obscuro, Yang o aspecto luminoso, na realidade são inseparáveis e o ritmo do mundo é também o ritmo de suas alternâncias (CHEVALIER, 1998). Como seria então que Yin e Yang se dão no processo de educação? Quais imagens pensamentos são possíveis criar, quando a imaginação flana sobre a educação? Como a fantasia se ocupa deste vale, alternando ações e reações de imagens de um educador?

É preciso observar suas vibrações moventes, as relações de forças, os choques oriundos destes movimentos Yin e Yang educacionais. É um exercício imagético. Analisando suas imagens espaço-temporais, suas mutações, seus dinamismos evolução ou involução e com eles criar outras imagens:

O autor – O que sabota a realidade com seu olhar de lince, o estrangeiro em terras conhecidas, está disposto a duelos que desvendem outras facetas do mundo, uma "aresta de anticlinal", saliência um tanto aguda, correspondente à parte mais alta de uma dobra.

O infante – Caio, o bruto! Mestre em vilanias, transita pela infância sem caminhar. Seu deslocamento espaço-temporal é um bailado de chutes e pontapés, acompanhado de palavrões que recita aos berros a qualquer um que perturbar seu bailado. Má educação! Dizem uns. Hiperativo! Dizem tantos outros. A solução é contenção! Proclama a chefe do Serviço de Orientação Educacional, do sanatório geral da Escola Nossa Senhora das Graças.

O currículo e a grade **–** *Scurrere* ouviu o grito: "Mandrake"!! E obedeceu fielmente, acatou a "brincadeira". Desde então, não mais realiza, não mais escorre, nem corre, inerte está. Não dá a menor bola para seu passado, presente ou futuro estruturado e seus planos de estudos. Não explora mais os verdejantes campos pedagógicos, nem seus desertos. Está fixo, preso, pois descobriu que o "mandrake" foi emitido pela matriz curricular, também conhecida pelo apelido de Grade, a quem coube o poder de inerciar tudo que se move.

O educador vespa – Fontes de mel, olhos de besta ou vespa, em vespertinas manhãs aurorais voa, seguindo a rainha Educação em sua jornada diária. Beija as flores nos canteiros escolares: arrudas aromáticas, begônias aflitas, espinheira santa, urtigas

camufladas, tentando fazer seu mel labutar. Dia desses, viu uma planta em forma de concha, em tons de lilás. Achou estranha, mas bela, resolveu investigar, chegou mais perto com suas asinhas frenéticas. Puft! Foi devorada pela carnívora *Mec's*, que não suporta vespa-besta se fazendo de abelha.

A professora mágica – Um dia vi que ela tinha uma varinha de condão, transformava minha triste vida em manhãs alegres. Em meio à algazarra do recreio, observava sua cartola enorme, quando ela passava no corredor em direção à sala dos professores. E pensava: O que será que Maria Alice guardava em seu chapelão?

A educadora onírica – Andrômeda era assim chamada. Suas aulas eram nebulosas, parecia nunca estar presente, escrevia sem parar no quadro, com giz riscava, espiralava palavras para lá, para cá, pouco dialogava. Andrômeda se considerava um sistema estelar independente e vagava entre nebulosas aulas, distante de tudo.

A professora pluft! – Quase nunca aparecia na escola. Alguns nem sabiam ao menos se ela existia. Ouviam falar apenas. Nas noites de lua cheia dava suas aulas de filosofia como uma loba. Era estimada pelos alunos, que afirmavam terem tido aulas espetaculares com ela. Todos confirmam também ouvir uivos para os lados do estacionamento, quando ela "dava o ar da graça". Suspeitam ser ela reverenciando a lua, antes de evaporar por mais uns tempos.

A teatral Margaret – Pintadinha, bonitinha, chapinha progressiva, saltinho, bonequinha de luxo, dirigindo seu KA zero. Assim imaginava seu futuro no magistério Margaret. Comprimida no banco do ônibus aos solavancos, levanta e desce próximo da escola na periferia da cidade. Descabelada, suada, se ajeita e encara seu papel de educadora e adentra o ginásio. E repete para si: Pintadinha, bonitinha, chapinha progressiva, saltinho, bonequinha de luxo, dirigindo meu KA zero, vermelho — e ouve aplausos mentais.

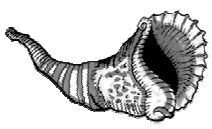
Getúlio o mesmo! – Getúlio foi professor de Ana Paula no final da década de setenta. Anos mais tarde, Maria Paula, filha de Ana Paula, foi estudar na mesma escola onde Getúlio ainda era professor. Conversando com a filha, a mãe indaga sobre o antigo professor. A filha responde sobre Getúlio: Sim o "To Sir, with Love"! Este é o apelido

de Getúlio que vem desde a década de setenta apresentando o mesmo filme em suas aulas, tentando disciplinar seus alunos.

Atracional-fatal-educanda – Ela era eletromagnética, tinha uma força de atração enorme para o bem e para o mal. Todos se dirigiam a ela, sua sala estava sempre lotada, os alunos a procuravam nos intervalos, as serventes faziam confidências, os porteiros a estimavam. Numa reunião de professores, após breve explanação sobre os rumos pedagógicos e metas para o semestre seguinte, ela se calou. Ao terminar a reunião, ela permanecia inerte na cadeira. Alguns colegas se dirigiram a ela para comentar sobre a reunião. Ela estava morta, uma bala perdida havia entrado pela janela e atingido sua nuca.

Escrita por C

> *Reafirmo hoje em si que não pode existir esta definição. Escrever para alguns é como respirar. Definir o ato de respirar é como cobrar impostos pelo oxigênio do ar.*
> *Não sei definir, sei explicar o que se sente. Escrever é desenhar e ser arte e não fazer. Fazer é separar, ser é conter. Ou seja, a escrita já existe em mim, eu apenas sinto a necessidade de todos os dias abrir os olhos para poder enxergá-la. Mas escrever pode revelar o trancado... Ai que medo...*
> *Mas o medo é a prisão, então se eu soltar o que está trancado, a escrita irá para todos os lados, manchará de tinta vermelha meus pedaços de folhas, irá correr e fugir, até de mim. O céu será o limite? Não, pois há muito além do céu.*
> *Bem, acho que definindo assim, percebo que a escrita é asa de borboleta, de libélula, pássaro ou abelha, não importa, pois o que ela faz é deslocar...* [33]



[33] Produção escrileitora de Caroline F., da *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica*.

Zurupar, roubar, furtar, surrupiar. Estes são alguns verbos a serem conjugados durante uma composição espiritográfica. Assim, surrupiei e criei alguns conselhos aos jovens escrileitores que se aventurarão em um processo espiritográfico de pesquisa. Ação de Fixar o Espírito de Escrileitores (AFEE). Ao estilo Baudelaire, revisitado (Conselhos aos jovens literatos) em alguns atos. Os preceitos que passo a elencar são frutos das experiências escrileitoras, não é um manual de instrução, nem um diário. Pensando com Baudelaire: "A experiência implica certa soma de gafes, e, cada um as tendo cometido, todas ou quase todas, espero que a minha experiência acabe sendo verificada pela de cada um" (BAUDELAIRE, 2010, p. 141).

I – Os invejosos dirão: "Que bela estreia, ele teve tamanha sorte". Dirão que é sorte, pois não acompanharam tuas outras estreias anteriores. Com força, liberdade e vontade de estudo e pesquisa, não haverá azar. Potencialize as forças para que a vontade movente rompa barreiras e, com elas, crie novos meios de dizer-se.

II – Sentirás que por vezes a corda é bamba, farpada e está estendida sobre os dias e sobre as noites de escrituras, o que não podes evitar. É por este ópio que estás aqui, e os paraísos e os infernos não são artificiais. Da força e dedicação escrileitora advirão "simpatias involuntárias", ódios licorosos, algumas difamações.

III - Serás bolsista ou não. Então te dirão que a escrita é matéria inapreciável: "Para que fazer das tripas coração por tão pouco?". Não sabem de teu esforço e que tua produção tem o preço da autoeducação de teu espírito. Não temas; serão os mesmos que após teu sucesso e teu trabalho, querem vender teus livros por metade do valor que tem.

IV – O método de composição requer agilidade e alvo certeiro. "É preciso termos pensado muito, termos levado o assunto ao passeio, ao banheiro, ao restaurante e quase à casa da namorada". Provavelmente mudarás teu visual, pois não te vês mais no espelho. Há os que dirão que viraste outra pessoa, pode ocorrer por dias, ficamos do avesso. Há a possibilidade também, pela descrição que farão de ti, que estás com trejeitos e com o olhar de teu orientador, com quem tens passado grande parte do tempo. É momentâneo, aos poucos passa!

V – A solidão povoada é brutal, mas apaixonante! No decorrer do processo, pensarás em: terapia, remédios para a ansiedade, vitaminas extras e florais. Faz parte! Os mais chegados dirão que teu cheiro corpóreo está diferente. É provável. Secretamos e excretamos todo tempo atravessados por outros seres, em horários nada convencionais. Isto altera o metabolismo pesquisador; suas glândulas nunca mais serão as mesmas.

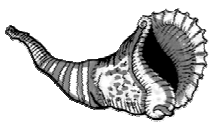
VI – Darás bolas fora aos montes. Não beberás em excesso, pois já estás num excesso espiritual, e os passos seguintes precisam ser certeiros. Terás dias de festas e de velórios, alegrias e tristezas surreais. Dores articulares terríveis habitarão teu corpo. Dirás e negarás profecias para logo cair em si e ver que não era para cá, mas para lá que deverias conduzir teus pensamentos. Tudo é um eterno inacabado!

VII – Terás dias de "calmaria" necessária para o descanso mental-físico, mas Cronos te mostrará sempre seu relógio às badaladas. Nestes instantes, terás de recobrar imediatamente teus instintos escrileitores, teus sentidos devem entrar em afinação, pois a dependência é grande. A "água ardente" é forte, mole, mas, fura.

VIII – Verás teus amigos numa frequência menor, ou nem isso. Tua família te cobrará a presença e dirá, caso fores a algum encontro: que parece que estás em outro mundo. Não te preocupes — e aqui aludimos a Barthes — nos retiramos mesmo por vezes do mundo para escrever cercados, como sabemos, de fantasmas, vampiros e outros que tais...

IX – Ganharás ou perderás peso, dependendo das circunstâncias! Tomarás banho em horários diversos, as unhas serão menos cortadas, pintar e cortar cabelos será menos frequente, pois o tempo ruge e urge! Dirigir, dormir, acordar, comer sempre com outro espírito que sussurra em teu ouvido bem lentamente, como o Mefistófeles de *Meu Fausto* de Valéry: "es ... ta noi ... te, es ...ta no i... te, vo ... cê dei... tou às duas ho ... ras (Um tempo) fa ... zi ... a ca ... lor, mui ... to ca ... lor, de ... mais ca ... lor... Vo ... cê a ... dor ... me ... céu ... de... costas, de ... cos ... tas pro ... fun ... da ... men ... te, pro... fun ... da ... men ... te, ... e ... vo... cê so... nhou, so... nhou que ..." es ... cre .. via (VALÉRY, 2011)". Não temas!

X – Pensarás em desistir de tudo muitas vezes, pois isto é insano! Não temas! Logo voltarás com maior força, tentando manter o equilíbrio sobre a corda, aquela farpada... Sabes por certo, pois chegaste até aqui, que: “A tela deve ser coberta — em espírito — naquele momento em que o escritor toma sua pena para escrever o título”. E vivo estás! Em uma existência outra, diferente, do começo de tudo!



III MOVIMENTO DISPARADOR

O movimento disparador desta pesquisa se deu durante as aulas do Seminário Avançado *O método de dramatização na comédia do intelecto: Valéry & Deleuze*[34]. Confluência de duas vertentes de pensamento: Gilles Deleuze e Paul Valéry, autores sobre os quais nos debruçamos conjuntamente com a professora Sandra Corazza, no primeiro semestre de 2010. Das pesquisas, leituras, apontamentos, apresentações de trabalhos e discussões do seminário, emergiu em meu espírito a forte vontade de trabalhar o conceito de espiritografia.

Necessitava de um campo empírico, além da pesquisa, para colocar a espiritografia em ação, o que foi possível através das oficinas promovidas pelo projeto *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida Observatório da Educação CAPES/INEP*. Grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Sandra Corazza, do qual faço parte como bolsista. Dentre as ações do projeto, foram oferecidas *Oficinas de Transcriações no cotidiano*, entre 07 de junho a 25 de agosto de 2011, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — onde apresentei a oficina *Espiritografias de co-criação dialógica* como movimento experimental.

Como fazer? O fazer pressupõe percorrer caminhos, e os eleitos para me fazer companhia nesta trajetória pedagógica são Valéry e Deleuze, os quais, com seus conteúdos teóricos, possibilitam criar uma série de procedimentos para investigação. E o que investigamos aqui é: o que pode um espírito via escrileitura?

Sendo assim, podemos considerar esta pesquisa pós-crítica, pois o método espiritográfico é informe, ou seja, interroga-se e varia durante todo o processo, não possuindo regras fixas e rígidas, o que mataria o prazer do inusitado. O método é o de capturas de forças dos textos, das imagens, das musicalidades, de tudo que devém em vida potente, e construir um alfabeto espiritográfico em educação. Onde — em uma oficina de filosofia, provocadora de sentidos e produtora de conceitos — se experimentam sensações, afectos, desejos e se busca escrever o indizível em um texto que é tecido da escrita. "O texto, portanto, é único, múltiplo e infinito, porque lhe fabrica durante o processo da oficina e toma a direção que lhe surgir com mais energia,

[34] Seminário relacionado ao Projeto de Pesquisa: Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo: método Valéry-Deleuze, coordenado pela pesquisadora Dra. Sandra Mara Corazza. Pós-Graduação em Educação / Faculdade de Educação/UFRGS.

durante a ocorrência de vetores que desafiam a gravidade das forças" (DALAROSA, 2011, p. 23).

Para esses movimentos investigativos, é preciso ter ciência de como Valéry e Deleuze tratam do tema. Paul Valéry trata o espírito como o Eu funcional inseparável da matéria, dotado de uma consciência e inteligência mutável que utiliza seu trânsito pela existência e pensa-se. Diferentemente de René Descartes, que afirma: *Penso, logo existo*, Valéry tem como foco: O que é que em nós está pensando, quando pensa (VALÉRY, 1996)? Um Eu como função do próprio pensamento, Eu não como essência "Ego", mas como atividade funcional para pensar. Um espírito operador que compõe uma comédia do intelecto à medida que se mostra a si mesmo à luz do dia. Um Eu operador consciente, Eu puro como Leonardo Da Vinci, que "guarda, esse espírito *simbólico*, a mais vasta coleção de formas, um tesouro sempre claro às atitudes da natureza, um poder sempre iminente e que cresce de acordo com a extensão de seu domínio" (VALÉRY, 1998, p. 55).

Valéry tem apreço pela presença da *voz ou vozes* na escrita literária. Dos *personagens* dos textos literários, volta-se para os mecanismos do pensamento-palavra, os quais possibilitam jogos e trocas que quebram os silêncios, abrindo espaço para a criação espiritual e seus ecos poéticos e epistemológicos. Interessa a Valéry, também, a arquitetura da forma do texto, seus métodos de composição, nos quais o meio de ocorrência textual é mais importante do que um fim ou meta. Daí sua reinvenção do estilo diálogo platônico, em que coloca nas vozes dos personagens não a busca por uma verdade, mas um meio fecundo aberto a contradições e polêmicas de um espírito que experimenta para melhor ser. Eu consciente que dialoga se multiplicando em outros "eus", que produzem novas imagens mentais de instantes espiritográficos ecoantes.

Infinita autodiscussão, como Valéry na boca de Fedro observando a dança de Athiktê: "Não é ela de repente uma verdadeira onda do mar? Ora mais pesada, ora mais leve que seu corpo, ela salta, como a chocar-se num rochedo; tomba molemente... é a onda" (VALÉRY, 1996, p. 46).

Utilizando-se da forma diálogos em *A Alma e a Dança*, Valéry passa a discutir sobre a arte, tendo na dança seu objeto empírico e o foco voltado para as relações entre espírito e corpo na dança da vida. Espírito que se diz na fala de um Eu puro, sem medo, despersonalizado, que se torna consciência pelo olhar.

Sabe, como *Monsieur Teste*, que entre o Eu claro e o Eu turvo, entre o Eu justo e o Eu culpado, existem velhos ódios e velhos acertos, velhas renúncias e velhas súplicas. E

que esse olhar necessita de um método, uma disciplina, ética de trabalho, pensar com rigor aquilo sobre o que vamos escrever. Um interesse pelo espetáculo do mundo, onde somos todos espíritos e marionetes de um teatro cômico, tenebroso e, por vezes, ridículo. “– Sabes, querido Outro, que eu sou um espírito da mais tenebrosa espécie” (VALÉRY, 1997).

Em Deleuze, o cérebro é o espírito, faculdade de criação, onde “os conceitos se alocam, se deslocam, mudam de ordem e de relações, se renovam e não param de criar-se” (DELEUZE; GUATTARI, 1992). As excitações que movimentam esse espírito recortam o caos formando um “plano de imanência”. A junção de três “caóides” ― arte, ciência e filosofia ― desenha mapas mentais ricos em conexões que reagem umas sobre as outras “e que conduzem ao pleno mar”, repleto de ondas de sensações, funções e conceitos. Não há porto seguro, mas navegações possíveis na fenda aberta ardente, onde criar é compartilhar visões extraindo os instantes fugidios do caos febril, das gélidas sombras, e preparar o espírito como gatilho para o próximo salto no firmamento.

Sujeitos que, como enfatiza Deleuze (1972-1990, p. 134), “[...] são grãos dançantes na poeira do visível, e lugares móveis num murmúrio anônimo”. Espíritos que passam a acompanhar essas danças dramáticas em meio à vida com Deleuze (1997, p. 11), que afirma que “a literatura está do lado do informe, ou do inacabamento [...]”. No qual: “Escrever é um estado de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se [...]. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido”. Um exercício vampiresco, imagético do pensamento, colocando-se com gozo filosófico no lugar de um ser espiritual com o qual me ocupo.

> É a imaginação que atravessa os domínios [psicológico, orgânico, químico], as ordens e os níveis, abatendo as divisórias, co-extensiva ao mundo, guiando nosso corpo e inspirando nossa alma, apreendendo a unidade da natureza e do espírito, consciência larvar, indo sem parar da ciência ao sonho e inversamente (DELEUZE, 1988, p. 352-353).

Exercício noológico, investigando imagens do pensamento, dissipando neblinas transcendentais ilusórias, pois não há um começo constitutivo, um modelo para copiar. Sabendo que “a subjetividade empírica se constitui no espírito sob efeito dos princípios que o afetam; o espírito não tem as qualidades próprias de um sujeito prévio” (DELEUZE, 2001, p. 20). Em sua obra *Conversações*, Deleuze fala em noologia como “estudos das imagens do pensamento”. Uma imagem do pensamento como um sistema

de coordenadas, dinamismos, orientações — o que significa pensar e "orientar-se no pensamento" —, a qual tem variado muito ao longo da história (DELEUZE, 1990).

Pensando com Deleuze, a noologia faz aparecer a imagem do pensamento, que permite pensar nesta ou naquela direção; imagem como horizonte, reservatório, relação de forças sensíveis para a construção de mapas do pensamento. Em que o tempo filosófico é de coexistência que não exclui o antes e o depois, mas se superpõe numa ordem estratigráfica.

A noologia mostra também que o pensamento é recoberto de clichês, força que o aprisiona no próprio ato de pensar, tornando-o inerte, sem movimento, acomodado. O que fazer, então? Como fazer ou desfazer? Tentar não julgar ou avaliar, mas perceber que a imagem do pensamento traz consigo potências, forças plurais, energias sempre em movimento de devir de um espírito que por seus próprios meios se diz, enquanto dança inventando seus próprios dinamismos, suas bússolas errantes, seus problemas...

Inesperado

Se o método é informe, o inesperado é condição do processo espiritográfico e tanto mais será fiel, quanto a força estabelecida via interseção entre espíritos. O leitor de espíritos não possui uma fórmula pronta e um procedimento universal; cada caso difere, não há facilidade neste acompanhamento, mas muitos desafios e surpresas.

Como todo processo de escrita e leitura em meio à vida, há uma produção de um modo de existência intensivo que desencadeia novos devires de desejos. O espírito é mutável, fascinante, ele reverbera, desconstrói velhos conceitos, silencia e grita, mistura novas tintas, arrisca caminhos, becos, se hidrata nas fontes, pulsam veias de potência criativa, trajetórias compartilhadas diante da realidade, e com estes componentes, escreve. "O texto transbordante é que cria condições para o Texto" (COSTA, 2001, p. 73), que surge, proporcionando prazeres e deleites que ultrapassam os territórios identitários.

Como lembra Roland Barthes, a escrita deve dizer do coração e de todos os mistérios que dele advêm. Onde o que era "seco" é invadido, umedecido pelo prazer, a fruição, coabitação de linguagens. O espaço da alma amante possibilita gozos, posses, usufrutos. Para quem escreve o escritor? Questiona Barthes em sua obra *O prazer do texto*: "Não é a 'pessoa' do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do

desejo, de uma *imprevisão* do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja jogo”[35].

Para que escreve o escritor? A alma amante diz-se através da escrita; como amante ciumento, Barthes enfatiza Mallarmé com relação a essa prática de escrita: “Uma prática antiga e muito vaga, mas ciumenta, cujo sentido jaz no *mistério do coração*”[36]. Sendo assim, a alma amante do escritor não busca aprovação ou admiração; sua própria arte de escrita é um ato de amor. Escreve para ser amado, mesmo que a distância. Outras alegrias virão preencher novos espaços *“satoris”* em dança frenética, anunciando novas conversões. O mutante escritor em vão tenta estagnar sua hemorragia, espargindo gotas de amor com poder germinativo pelo mundo em devir.

Um espírito, tornando-se aos poucos um escutador, de olhar e ouvidos atentos, que vigia seus desertos, suas ilhas imaginárias para raspar com garras ferozes seus itinerários. Lidar com seus paradoxos, suas fugas e esquecimentos. Arriscar muitas vezes o naufrágio, na busca pela proliferação de vida liberta que possibilite observar e degustar sabores do vivível, num trânsito entre o dramático que não esquece o alegre percorrer do intelecto artistador.

A escrileitura estimula, assim, as operações inventivas de um pensamento que se permite o delírio. Invenções palatáveis de seu mundo imanente, que investiga seus problemas e tenta solucioná-los por seus próprios meios nutrientes ou regurgitá-los se necessário. O escrileitor que espiritografa é um Robinson Crusoé como na concepção de Valéry, que alude a Daniel Defoe para falar de seu próprio espírito: “Um miserável Robinson numa ilha de espírito e carne, rodeado por todas as partes de ignorância, a fabricar generosamente seus utensílios e sua arte” (PIMENTEL, 2008).

E assim, explorar e transmutar o vivível, indo além do que já temos ciência — “um escrever como experimento do trabalho de alguém que escreve para conhecer, e não escrever o que já conhece” (ADÓ, 2011). Suas co-criações conceituais são aprendizados para novos feitiços e novas metamorfoses de vida e de escrita, um processo inacabado recomeçado sempre pelo meio. Microexperiências de ações criativas banhadas de novos lumes energéticos que formam uma cosmocronia, a qual lhe permite arriscar-se nas margens do pensamento, de uma solidão povoada de rumores de *daimons*.

[35] BARTHES, 2006, p. 9
[36] BARTHES, 2005

Múltiplos

Um movimento duplo a princípio, como na arquitetura do texto de Miró, pois na medida em que vou ao mundo de outros operadores espirituais — um escritor, um artista, um cientista. Investigando seus fluxos espirituais, também sou afetada espiritualmente por eles. Nesta trajetória errante, navego mares de ondas estrangeiras, e neste surfar "[...] é o que contenho de desconhecido a mim mesmo que me faz ser eu mesmo" (VALÉRY, 1997, p. 59).

Este movimento duplo é ritmado de maresias que me tomam, embriagam: "Eu corro às ondas num vivo jorrar" (VALÉRY, 1996, p. 113). Assim, adentro os labirintos oceânicos de outros espíritos, ouço vozes, vislumbro universos, dramatizo conceitos. Utilizo escafandro se necessário, e me deito ao sol de praias distantes se me aprouver. Partindo assim para um terceiro movimento compositivo da espiritografia — fusão de dois espíritos que se dão a conhecer. E junto com eles, passo a percorrer seus fluxos, oscilações, variações e coloco minha malha intelectiva em exercício exploratório mareado, musicado, profundo.

À medida que adentro e passo a analisar essa vida e obra, minha própria consciência mutável passa a criar novos pensamentos. Afetada, tocada, mexida, passo a grafar, dando outra forma ao que foi lido, escutado, percebido. Há um entrelaçamento nutriente em uma espiritografia, onde "[...] o espírito retira da matéria as percepções que serão seu alimento, e as devolve a ela na forma de movimento, em que imprimiu sua liberdade" (BERGSON, 1999 p. 291). Uma consciência voraz, pensante que aspira à criação autônoma, livre, matéria, memória, construindo novas imagens e movimentos.

Olho então e me deleito com o quadro *El despertar del dia*, de Miró. Uma estranha febre começa a percorrer meu corpo, minha pele tem calafrios. Meu espírito se propõe a uma escrita espiritográfica apostando na possibilidade desse vir a ser, dessa variação de si em processo de devir perceptivo. Pela experimentação visual da obra de arte, faço contato com a imagem que me provoca sensações, e estas servem como ponto de partida para uma escritura, o que seria um primeiro passo.

Num segundo passo, com as leituras de obras sobre a vida do referido artista, meu pensamento dispara na busca pelos detalhes e raridades de uma existência que produziu uma obra de arte. E porque escrevo com esta vida, reinvento meu próprio eu que escreve. Num terceiro passo, misturo os ingredientes escrileitores, nutrientes matérias, em que o "dentro" de minha escrita comunica-se com o "fora" da escrita. Acionando

vetores, movimentando conceitos dramatizados, que são explorados numa experimentação de vida que fabrica uma nova composição liberta, que por sua vez compartilha o encontro no próprio exercício da linguagem.

Como em Marcel Schwob em *Vidas imaginárias* (SCHWOB, 2011), é preciso procurar "movimentos vãos". Não há interesse aqui de escrever sobre a vida na forma biográfica tradicional, mas, sim, criar uma tensão entre ficção e história, ficção e filosofia, ficção e arte, ficção e educação. Trata-se de reescrever e reinterpretar, de compor uma escritura, criando novos movimentos que se entretecem onde as informações trazidas são verificáveis.

São pequenas inserções, cortes na busca pelos pormenores de uma vida que são solicitadas pelo espírito que quer espiritografar outro espírito, e que servem como estímulo também para a imaginação dos leitores. Em que "[...] interessa bem mais mapear as intensidades e os afetos que constituem nossos estados e que ocupam nossos corpos a cada momento do vivido" (RODRIGUES, 2011, p. 126), mapeando as forças de criação e observando o seu operar como uma prática pedagógica.

Os movimentos de meu espírito remexem águas. Procuro uma resposta, não para o que é Miró ou que é a obra de Miró, mas, sim, amplio um campo exploratório mais vasto, um conjunto de "coordenadas múltiplas que correspondem às questões quanto? quem? como? e quando?" (DELEUZE, 2006, p. 112). Que propicia, além dos exemplos empíricos, uma abertura para um alcance maior, no qual o já criado — obra de arte, texto literário e vida — transcende e afirma uma nova composição. E assim, embarco em outro devir mutante e letárgico, e pela necessidade imprimida nestes movimentos, surge de minhas entranhas uma espiritografia de Miró.

Uma escritura espiritográfica de Miró, para ser elaborada compositivamente, necessita de muitas leituras sobre vida e a obra do artista, uma pesquisa intensa. Abertura de um espaço e tempo para visitar como funciona a inteligência criadora do espírito de Miró. Uma espécie de tomografia de suas transformações, desvios, aventuras e paixões que geraram sua obra. Pois é fato que **"**não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem. A sintaxe é um conjunto dos desvios necessários criados a cada vez para revelar a vida nas coisas" (DELEUZE, 1997). Há, sim, uma fantasia possível, em que Miró é personagem de uma imagética mental, que desenha seus próprios demônios de possibilidades, como diz Valéry.

Como escrever, então, uma espiritografia com as imagens dos quadros de Francis Bacon? O que me chamava a atenção em Bacon era o grito de seus quadros. Roland

Barthes já dizia, em *A preparação do Romance I: da vida à obra* (BARTHES, 2005), que estudamos o que desejamos ou o que tememos. Passei a investigar a vida de Bacon, e suas obras eram, então, o desejo imperativo do meu espírito pela fruição, pelo contato da aproximação com as imagens que ocupavam os quadros.

Essas imagens repletas de forças que lá estão promovem afecções e temores, pois se experimenta novas sensações no corpo que vê. E estas forças não são estanques, mas movimentos potenciais intensos. Como fazê-las passarem para a escrita espiritográfica? Criando conceitos junto com elas ― imagens ―, e não falando sobre ela na tentativa de significar o que traz o quadro.

Tarefa nada fácil, pois é preciso se despir da representação costumeira, para que a escrita flua sem ares de uma história ilustrada é um deixar-se guiar pela vida e pela obra de Bacon. Sabendo que a imagem de suas obras é processo e movimento, não comunica algo, mas expressa forças, uma geografia do pensamento que elogia a superfície de um plano de imanência, onde a imagem é matéria do ser e matéria do pensar.

O método então utilizado é a captura, a caça dessas forças arrebatadoras que tornam efervescentes as sensações provocadas no espírito do que apreendo com delicadeza que os olhos absorvem. Relâmpagos de afecções e percepções, forças que atravessam o espírito, trazendo consigo sons variados, um pássaro sonoro que torna o próprio corpo musicado. E este corpo-espírito musicado deixa vazar na escrita as vozes e existências não necessariamente humanas, que percorrem em arrepios de pele de intensidade poderosa, que afasta e varre os vícios do olhar. Pois que está assombrado, tomado pelas cromáticas cores das imagens que nos fazem doer, sorrir, gritar. Então, espiritografo a sensação da carne flechada pelas vibrações cromáticas, ritorneladas das forças que me tomam.

Conatus

O que pode um espírito escrileitor? Os espíritos com quem travamos relações intensas e que atravessaram os corpos de olhar atento, permitindo-nos investigar suas obras e os atos vitais de uma criatura do pensamento, já carregam agora outro espírito. As afecções são inevitáveis e há uma ética e um direito natural nisto tudo. Aludindo a Spinoza, espírito (mente) e corpo são uma só coisa, e "[...] a ordem das ações e das paixões de nosso corpo é simultânea, por natureza, à ordem das ações e das paixões da mente" (SPINOZA, 2007, p. 167).

De nossa passividade ou atividade advirão nossas alegrias e dores. Dependendo, então, teremos de nos autoinvestigar na busca por uma resposta. E aqui não se procura um ideal moral platônico, mas uma avaliação do que suporta potencialmente um espírito escrileitor.

O espírito escrileitor pensa o que lhe afeta o ânimo, que "[...] não pode existir se não existir, no mesmo indivíduo, ideia da coisa amada, desejada" (SPINOZA, 2007, p. 81). Assim, um corpo escrileitor encontra outro corpo que se compõe ao seu com alegria, pois ama e deseja. Caso esta relação não se componha com a sua ― um corpo que o afeta de tristeza ―, ele faz tudo aquilo que está em seu poder para afastar a tristeza ou destruir esse corpo.

É disso que trata este método espiritográfico aqui proposto, ou seja, dar oportunidades aos espíritos escrileitores para que seus corpos tenham a oportunidade de manter novas relações que convenham à sua própria natureza. E o termo *conatus* nos serve, pois o *conatus* é a procura do que nos é útil, nos alegra, nos faz bem, a cada instante desta procura por uma prática espiritográfica.

Com ele, temos o direito e o poder de preservar nossas existências, e com isso, marcar encontros com os espíritos que nos são caros. E isto requer esforço, luta, pôr em ação nossas potências de conhecer, de pensar e de exprimir pensamentos, e com esses pensamentos, quem sabe remodelar a visão ética do mundo e ir um pouco mais longe do o que nos impõe o senso-comum. Através de uma filosofia gaia que aumente nossa potência de agir, longe da tristeza, geradora de desesperança e do medo.

Serpensamento

Por aí!
Sou um rascunho de mim
Olho cego do furacão
Não sei quem sou
Labirinto

A própria surpresa "eu"
Tateio minha negra alma
Velho baú sem chaves

Inexistência
Livre arbítrio
Solidão, alegrias tolas
Santa-diaba vagueia

Só os perdidos sabem o que é ser feliz
Condenada entre vida e morte

Pesquiso ideias
Minúsculos giros

Tinta invisível
Escrita lunar
Uivo do cão faminto
Um deserto
Des-velar

Intenso tilintar de chaves
Desenhos em água-forte
Volúpia santificada

Equilíbrio imaginário
Vazão minguante
Vulcão calado
Forcejante pensar[37]

Louca

Uma espiritografia passa pela busca metódica dos labirintos espirituais dos quais nos ocupamos, escolhemos por paixão e necessidade. Um jogo labiríntico como o de Miller (1974, p. 183): "O labirinto é meu campo de caça preferido, e quanto mais fundo eu cavo na confusão, melhor me oriento".

E no jogo co-criamos, experimentamos novos estados poéticos, composições de vida que proliferam através de exercícios inventivos de pensamento. Espírito inseparável da matéria corpo, inteligência criadora — sempre em processo aventureiro, seguindo fronteiras, margeando superfícies — que investiga e experimenta o pensado em nós, em que "o mais profundo é a pele", expressão considerada sábia por Deleuze (DELEUZE, 2003, p. 11), pensando com Valéry.

Pensar com renovação é crucial como processo de uma espiritografia, fazer uso de uma obra de arte, de uma obra literária ou científica e operar sobre elas. Produzindo um drama ou uma comédia do intelecto, no qual a criação tem valor espiritual, pois pulsa e move pensamentos e os torna arte por oscilar, fazer variar os fluxos espirituais e saltar de um assunto a outro em *self-variance*, sabendo que nada há neste processo de permanente. Promovendo um encontro de espíritos que pensam e experimentam, em meio à vida, com seus estados poéticos, suas loucuras e seus delírios procurando responder "à questão mais simples do mundo: *Que pode um homem?"* (VALÉRY, 1996, p. 115).

[37] Produção de Idalina Krause.

E assim, são retiradas as algemas da imaginação; a louca da casa condenada passa a ser bem-vinda, adotada como companheira de novos nomadismos espirituais. A despudorada imaginação abre suas asas — em toques sutis ou mesmo violentos — de suas forças, imprime novas grafias em toda a extensão de uma corporeidade. Espírito observador curioso, aventureiro que se propõe viajar por lugares inexplorados. Ciente de que "[...] a única e verdadeira viagem, como observou Proust, não seria viajar por centenas de diferentes países com o mesmo par de olhos, e sim ver a mesma terra através de uma centena de diferentes olhos" (LAING, 1989, p. 28).

O projeto *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida Observatório da Educação CAPES/INEP* "serve como disparador de cenários que pensam a Educação *com* e na vida", um processo escrileitor, de uma "escrita-pela leitura ou da leitura-pela-escrita" (DALAROSA, 2011), processo aberto a interferências variadas na medida em que é produzido como processo de pensamento. Movimentos extratores de forças que favorecem, como diz Corazza, "as culturas do dissenso" para reinventar novas formas, novas "significações de indivíduos e de grupos" (CORAZZA, 2011).

As experimentações apresentadas aqui nesta pesquisa trazem a espiritografia como movimento escrileitor o *Alfabeto Espiritografico: Escrileituras em educação*, que produz contágios, emitindo convites aos novos pensares que têm na invenção imaginativa uma abertura onde ressoam forças embrionárias de escritura. Cabe a cada um dos leitores deste texto capturar os metâmeros[38] que acharem interessantes, em cada um dos verbetes — estes embriões de si mesmos — que podem resultar em outros tantos textos, em tantos outros novos pensares. E treinar honestamente o espírito para planejar a navegação em águas plurais. Navegação que não pode ser estabelecida previamente, senão no próprio navegar. É disso que se trata!

[38] Metâmero é cada um dos anéis do corpo de um verme, e cada um destes metâmeros pode formar um verme novo (ABREU, 1995, p. 241).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ABREU, Caio F. **Ovelhas negras.** Porto Alegre: Sulina, 1995.

ADÓ, Máximo Daniel L. **Comédia Intelectual da Educação.** Porto Alegre, 2010. Projeto de Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ADÓ, Máximo Daniel L. **Caderno de Notas 1:** projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

ARTAUD, Antonin. **Os escritos de Antonin Artaud.** Trad. Claúdio Willer. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda., 1983.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **A preparação do Romance I:** da vida à obra. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A preparação do romance II:** a obra como vontade. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

BAUDELAIRE, Charles. **O esplim de Paris:** pequenos poemas em prosa. Trad. Oleg Almeida. São Paulo: Martin Claret, 2010.

BLANCHOT, Maurice. **Conversa infinita 2:** a experiência limite. Trad. João Moura Junior. São Paulo: Editora Escuta, 2007.

BECKETT, Samuel. **Malone morre.** Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

_____. **Esperando Godot.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio.** Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, Augusto. **Paul Valéry:** A serpente e o pensar. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos:** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) /Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 12. Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Os Cantos de Fouror:** escrileitura em filosofia-educação. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2008.

_____. Introdução ao método biografemático. In: COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.) **Vidas do Fora;** habitantes do silêncio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

_____. **Para uma Filosofia do Inferno na Educação:** Nietzsche, Deleuze e outros afins. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. Currículo. In: AQUINO, J. G.; CORAZZA, S. M. (Orgs.). **Abecedário:** educação da diferença. Campinas: Papirus, 2009.

_____. **Caderno de Notas 1:** projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

COSTA, Luciano Bedin. **Estratégias biográficas:** o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henri Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoé.** Trad. Márcia Kupstas. São Paulo: FDT, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1972-1990.

_____. **Diferença e repetição.** Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Nietzsche e a filosofia.** Trad. Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

_____. **Crítica e clínica.** Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Empirismo e subjetividade.** Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. **Lógica do Sentido.** Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

_____. **A ilha deserta e outros textos.** Textos e entrevistas (1953-1974). São Paulo: Iluminuras, 2006 (Org. Luiz B. L. Orlandi).

_____. **Sobre o teatro:** Um manifesto de menos; O esgotado. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

_____. Désir et plaisir. **Magazine Littéraire.** Paris, n. 325, oct., 1994, p. 57-65.

_____. GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. PARNET, Claire. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

DALAROSA, Patrícia C. **Caderno de Notas 1:** projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

DERRIDA, Jaques. **Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio.** Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial:** a compreensão e a prática da forma de arte mais popular do mundo. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 15. Disponível em: <http://2ab02.ezcdn.com.br/files/_fotos/grande/249FG2.JPG>. Acesso em: 02 ago. 2011.

EPICURO, LUCRÉCIO, CÍCERO, SÊNECA, MARCO AURÉLIO. Trad. e notas de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Nietzsche, o bufão dos deuses.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

FLAUBERT, Gustave. **A Educação Sentimental.** Trad. Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

_____. **Madame Bovary.** Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM Editores, 2003.

FLUDD, Robert Fludd. **Utriusque cosmi maioris scilicet et minoris** […] historia, tomus II (1619), tractatus I, sectio I, liber X, De triplici animae in corpore visione. Imagem de domínio público. Disponível em: <http://de.wikipedia.org/wiki/Datei:RobertFuddBewusstsein17Jh.png>.

FOUCAULT, Michel. **Theatrum philophicum.** Paris: Gallimard, 1994.

_____. **La pensée du dehors.** In: Dits et écrits. Paris: Gallimard, 1987.

_____. A mulher/ os rapazes: História da sexualidade. In: **História da sexualidade**, v. 3. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GIRAUDOUX, Jean. **Suzana e o Pacífico.** São Paulo: Ed. Difel, 1958.

HIPONA, Agostinho. **De magistro.** Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

HESSEN, Hermann. **O lobo da estepe.** Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Editora Record, 1955.

HUME, David. **Investigação sobre o Entendimento Humano.** Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência.** Trad. Maria de Moraes Barros. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

KAZANTZÁKIS, Nikos. **Ascese.** Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Editora Ática, 1997.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo.** 84. ed. Rio de Janeiro: Ed. FEP, 1982. Trad. Guillon Ribeiro da 3ª edição francesa revista, corrigida e modificada pelo autor em 1966.

KIERKEGAARD, Soren. **Desespero a doença mortal.** Trad.Ana Keil. Lisboa: Rés, 1986.

KIRK. G. S; RAVEN. J. E. **Os filósofos Pré-socráticos.** Trad. Carlos Alberto Louro Fonseca, Beatriz Rodrigues Barbosa e Maria Adelaide Pegado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

LAING, Roland David. **O eu e os outros:** O relacionamento interpessoal. Trad. Aurea Brito Weissenberg. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A Legião Estrangeira.** São Paulo: Siciliano, 1992.

_____. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

_____. **Água viva.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1990.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche a transvalorização dos valores.** São Paulo: Editora Moderna, 1996.

MEMÓRIA urbana. **El despertar Del dia,** de Joan Miró. Disponível em: <http://teoriadelaimagenurbana.wordpress.com/2007/06/09/ra-i-yue-zo-m-la/>. Acesso em: 08 dez. 2011

MILLER, Henry. **Trópico de capricórnio.** Trad. Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1974.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia.** Trad. J. Renard. São Paulo. Edições Paulinas, 1986.

_____. **Introdução à Filosofia:** problemas, sistemas, autores, obras. São Paulo: Paulus, 1980.

NICOLAY, Deniz Alcione. **A moral da infância na didática magna.** Porto Alegre: Armazém Digital, 2011.
NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra.** Trad. Eduardo N. Fonseca. São Paulo: Hemus, 1979.

_____. **A Gaia Ciência.** São Paulo: Hemus, 1981.

_____. **Humano, demasiado, humano:** um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Obras incompletas/**Friedrich Nietzsche. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

_____. **Ecce homo:** como alguém se torna o que é. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OBVIOUSMAG.ORG. **Francis Bacon,** Study for the Head of a Screaming Pope, 1952. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2008/06/os_papas.html#ixzz1g2s22rFI>. Acesso em: 08 dez. 2011.

OLIVEIRA, Marcos da Rocha. Inclusão Escolar. In: AQUINO, J. G; CORAZZA, S. M. (Orgs.). **Abecedário:** educação da diferença. São Paulo: Papirus, 2009b. p. 99-101.

OLIVEIRA, Marcos da Rocha. **Biografemática do homo quotidianus:** O Senhor Educador. Porto Alegre, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

OSBORNE, Richard. **Filosofia para principiantes.** Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 1998.

PEREIRA, Nilton M. II Ciclo de Conferências do DIF. História do esquecimento. 2012. (Simpósio)

PESSOA, Fernando. **Poemas de Álvaro de Campos/** Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

PIMENTEL, Brutus Abel Fratuce. **Paul Valéry:** estudos filosóficos. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-19012009-162232/>. Acesso em: 23 set. 2012.

PLATÃO. **Diálogos III, A República.** Trad. Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

PROJETO DE PESQUISA: **Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo:** método Valéry-Deleuze, coordenado pela pesquisadora Dra Sandra Mara Corazza. Pós-Graduação em Educação / Faculdade de Educação/UFRGS.

QUINO. **Potentes, Prepotentes e Impotentes.** Edição especial. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em: <http://www.historiaequadrinhos.com.br/2010/09/quino-potentes-prepotentes-e-impotentes.html>. Acesso em: 02 ago. 2011.

RODRIGUES, Carla G. **Caderno de Notas 1:** projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

SEMINÁRIO AVANÇADO - **O MÉTODO DE DRAMATIZAÇÃO NA COMÉDIA DO INTELECTO:** VALÉRY & DELEUZE. UFRGS/ Faculdade de Educação. Profa. Dra. Sandra Mara Corazza. 2010.

SEMINÁRIO ESPECIAL - **EDUCAÇÃO, ARTE, FILOSOFIA:** DELEUZE E O ABECEDÁRIO. UFRGS/Faculdade de Educação. Profa. Dra. Sandra Mara Corazza; Profa. Dra. Carla Gonçalves Rodrigues. 2011.

SEMINÁRIO AVANÇADO - **PINTURA:** UMA APRENDIZAGEM CLARICEANA ENTRE BANCON E DELEUZE: UFRGS/Faculdade de Educação. Profa. Dra. Paola Zordan. 2011.

SEMINÁRIO AVANÇADO – **PINTURA:** APRENDIZAGENS E DESDOBRAMENTOS. UFRGS/Faculdade de Educação. Profa. Dra. Paola Zordan. 2011.

SEMINÁRIO AVANÇADO – **AICE no Cinema:** signos do movimento e imagem-tempo. UFRGS/Faculdade de Educação. Profa. Dra. Sandra Mara Corazza. 2012.

SEMINÁRIO AVANÇADO – **Imagem-Movimento de AICE** (Autor-Infantil-Currículo-Educador). UFRGS/Faculdade de Educação. Profa. Dra. Sandra Mara Corazza. 2012.

SCHÜLER, Donaldo. **Heráclito e seu (dis)curso.** Porto Alegre: L&PM, 2001.

SCHWOB, Marcel. **A cruzada das crianças/Vidas Imaginárias.** Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2011.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

TADEU, Tomaz. Um plano de imanência para o currículo. In: TADEU, T.; CORAZZA, S. e ZORDAN, P. **Linhas de Escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TCHEKHOV, Anton Pavlovitch. **Um homem extraordinário e outras histórias.** Trad. Tatiana Belinky. Porto Alegre: L&PM, 2007.

VALÉRY, Paul. **A alma e a dança e outros diálogos.** Trad. Marcelo Coelho. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Introdução ao método de Leonardo da Vinci.** Trad. Geraldo Gérson de Souza. São Paulo: Ed. 34, 1998.

_____. **Monsieur Teste.** Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **O pensamento vivo de Descartes.** Trad. Maria de Lourdes Teixeira. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1952.

_____. **Alfabeto.** Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

_____. **"Meu Fausto".** Trad. Lídia Fachin e Silvia Maria Azevedo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

WOLLF, Virginia. **Objetos sólidos.** Trad. Hélio Polvora. São Paulo: Siciliano, 1992.

YOURCENAR, Marguerite. **Memórias de Adriano.** Trad. Martha Calderaro. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1974.

Porque a magia que me foi passada era da construção de uma identidade inercial, mansa e serena aonde devia depositar meu espírito.

Passei a desconfiar e encarar a noite escura enquanto todos dormiam embalados pelo bom-senso. Meu espírito precisava confirmar minhas suspeitas, de que a vida continha coisas a mais.

Encarar a viração era a minha aventura solitária e minha rebelião. O temporal se avizinhava com suas rajadas de ventos, raios, trovões coloriam as gotículas luminosas da chuva no breu da noite.

Captar as exterioridades destes instantes fugidios, por certo, fez desacomodar meu espírito, trazendo novas magias. Viver e pensar desde então tem sido abrir novas fissuras em meu espírito "depositário".

As auroras, porém, passaram a trazer sopros e pelas fendas abertas do que suspeito ser eu: respiro viração.

I.K.

DIF
artistagens fabulações variações
Desde 2002

Escrileituras
Programa Observatório da Educação

bop
bando de orientação e pesquisa.